

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

LAYS AMANDA RODRIGUES DE MOURA

CRONOS: PERSONIFICAÇÃO DO PAI VOLÁTIL

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO
NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Lays Amanda Rodrigues de Moura**

Título do trabalho: **CRONOS: personificação do pai volátil**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Aparecida Mendonca, Professor do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 08:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lays Amanda Rodrigues De Moura, Discente**, em 30/01/2024, às 09:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sci/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4341176** e o código CRC **8FC6481A**.

LAYS AMANDA RODRIGUES DE MOURA

CRONOS: PERSONIFICAÇÃO DO PAI VOLÁTIL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Aparecida

Mendonça.

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Moura, Lays Amanda Rodrigues de
Cronos [manuscrito] : personificação do pai volátil / Lays Amanda Rodrigues de Moura. - 2024.
72 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Adriana Aparecida Mendonça.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, , Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Cronos. 2. mitologia. 3. paternidade. 4. iconografia. 5. pintura digital. I. Mendonça, Adriana Aparecida, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 25 dias do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se, às 11h45 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **CRONOS: personificação do pai volátil**, de autoria de **Lays Amanda Rodrigues de Moura**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pela orientadora e presidente da banca, Profa. Dra. Adriana Aparecida Mendonça (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez (Centro Universitário Estácio de Goiás) e Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) ao estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Aparecida Mendonca, Professor do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 08:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 09:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juan Sebastian Ospina Alvarez, Professor do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4332790** e o código CRC **5EA251CB**.

LAYS AMANDA RODRIGUES DE MOURA

CRONOS: PERSONIFICAÇÃO DO PAI VOLÁTIL

Defendido e aprovado publicamente em 25 de janeiro de 2024, pelos seguintes membros da
banca:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Adriana Aparecida Mendonça - Orientadora
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues - Avaliadora
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Juan Sebastian Ospina Alvarez - Avaliador
Universidade Estadual de Goiás

Goiânia-GO
2023

Para o meu querido pai

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Adriana Mendonça aceitar ser minha orientadora e me permitir transitar livremente no percurso do trabalho, me auxiliando no processo prático e acreditando na minha capacidade artística enquanto eu duvidava de mim mesmo.

Agradeço imensamente o chuveiro, porque foi nesse ambiente que tive inúmeras epifanias para resolver e acrescentar questões do trabalho teórico-prático.

E agradeço imensamente o presente de natal do ano passado, onde ganhei o jogo Gris. Se não fosse pela experiência maravilhosa de jogá-lo, este trabalho não seria o que é, inclusive, me ajudou bastante a não enlouquecer com a pressão do TCC.

RESUMO

Esta pesquisa discorre sobre a construção prático-artística da série *Pai* composta por questões que envolvem a paternidade nociva presente no mito de Cronos, onde o caráter teórico converge a mitologia e iconografia mediante a análise psicológica do mito adentrando especificamente na questão paterna, apoiando-se na representação iconográfica de Cronos presente na história da arte somado a interpretação do mito na finalidade de conceber a narrativa coerente de Cronos como espelhamento da humanidade, especificamente a personificação humana da figura paterna, havendo interferência da vida pessoal e referencial artístico, teórico e literário cotidiano do artista na interpretação do relacionamento pai-filho exprimido no mito.

Palavras chaves: Cronos; mitologia; paternidade; iconografia; psicologia; pintura digital.

ABSTRACT

This research discusses the practical-artistic construction of the Father series, composed of questions involving the harmful paternity present in the myth of Kronos, where the theoretical character converges mythology and iconography through the psychological analysis of the myth, specifically entering into the paternal question, based on the iconographic representation of Kronos present in the history of art added to the interpretation of the myth in order to conceive the coherent narrative of Kronos as a mirror of humanity, specifically the human personification of the father figure, with interference from the artist's personal life and daily artistic, theoretical and literary references in the interpretation of the father-son relationship expressed in the myth.

Key words: Chronos; mythology; paternity; iconography; psychology; digital painting.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Ignaz Gunther, *Cronos*, 1765 - 1770
- Figura 2 - Francisco de Goya y Lucientes, *Saturno*, 1820 - 1823
- Figura 3 - Pedro Pablo Rubens, *Saturno devorando a un hijo*, 1636 - 1638
- Figura 4 - Francisco de Goya y Lucientes, *El Tiempo devorando a los hombres*, 1797
- Figura 5 - Francisco de Goya y Lucientes, *Truth, Time and History*, 1804 - 1808
- Figura 6 - Pierre Migrar, *Time Clipping Cupid's Wings*, 1694
- Figura 7 - Giovanni Francesco Romanelli, *Chronos and his child*, séc XVII
- Figura 8 - Sem autor, *Arcanjo Miguel derrotando Satanás*.
- Figura 9 - Negação, cenário da fase cinza do jogo Gris, 2018
- Figura 10 - Raiva, cenário da fase vermelha do jogo Gris, 2018
- Figura 11 - Barganha, cenário da fase verde do jogo Gris, 2018
- Figura 12 - Depressão, cenário da fase azul do jogo Gris, 2018
- Figura 13 - Otimismo, cenário da fase amarela do jogo Gris, 2018
- Figura 14 - pássaro, antagonista do jogo Gris, 2018
- Figura 15 - enguia, antagonista do jogo Gris, 2018
- Figura 16 - Gris, antagonista do jogo Gris, 2018
- Figura 17 - Lays, *pater*, 2023
- Figura 18 - Bastet retratado com a cabeça de um gato, 900 - 600 A.C
- Figura 19 - Jacopo Bassano, *A Última Ceia*, 1542,
- Figura 20 - Lays, *Cronos*, 2023, da série Pai,
- Figura 21 - Amour Sucré, Nathaniel no episódio 12, 2015
- Figura 22 - Lays, *canibalismo metafórico*, 2023
- Figura 23 - mamãe gata carregando o filhote
- Figura 24 - Lays, *ágape*, 2023
- Figura 25 - área principal do Software Clip Studio Paint
- Figura 26 - Clip Studio Paint, passo 1, 2023
- Figura 27 - rascunho série Pai, 2023
- Figura 28 - cores base, série Pai, 2023.
- Figura 29 - detalhamento e repetição, pater e Cronos, série Pai, 2023.
- Figura 30 - detalhamento e repetição, canibalismo metafórico e ágape, série Pai, 2023.
- Figura 31 - Jyundee, Blending Tutorial, 2018.
- Figura 32 - Spider-man across the spiderverse, 2023.

Figura 33 - emidoesart, 2022.

Figura 34 - pater e ágape, série Pai, impressão em algodão, 2023.

Figura 35 - detalhes das impressões, 2023.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. CRONOS	16
2. PATERNIDADE METAFÓRICA	25
3. PAI	37
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO

O coração da presente pesquisa concentra-se na investigação iconográfica e teórica do ser mitológico denominado Cronos, atrelando o mito à psique humana, restringindo-se a conexão paterna, fazendo um paralelo entre mitologia greco-romana, psicologia, história da arte e contemporaneidade para compôr uma série de quatro pinturas digitais protagonizando Cronos, aproximando-o da consciência humana, da primitividade, do medo latente que o faz agir agressivamente, fugindo da narrativa imagética clássica angelical e imponente abordada em suas representações ao longo da história da arte, sutilmente empregando estes aspectos na obra, cometendo anacronismo nas interpretações, visando construir uma narrativa lúcida entre os simbolismos presentes nas imagens (pinturas e esculturas de Cronos) e a história de Cronos dentro do contemporâneo.

Na antiguidade greco-romana a funcionalidade primordial do mito era contextualizar e explicar eventos existentes no universo, interferindo diretamente na sociedade, estabelecendo um vínculo fortemente visível entre indivíduo e divindade, manifestado-se na intensa presença da mitologia na arte, culminando na aparição do tema em incontáveis linguagens artísticas e literárias, servindo de sustentação para a base desse trabalho de conclusão de curso que foi completamente consumido pela mitologia.

Preservando este legado mitológico que ainda deixa vestígios no contemporâneo, é indispensável mencionar as séries literárias Percy Jackson e os Olimpianos (PJO) e Heróis do Olimpo (HDO), criada pelo escritor norte-americano Rick Riordan, contendo cinco livros - cada - que transitam entre os gêneros de aventura, romance, suspense e fantasia, compondo um universo único que se apodera da mitologia greco-romana, deslocando-a para o mundo atual, em que deuses e mitos da antiguidade clássica greco-romana estão habituados no século XVII, coexistindo entre os humanos. E essa série consumiu minha infância e adolescência, período parcialmente ofuscado pela possibilidade imaginária e delirante de mitos serem reais, contextualizando meu forte interesse em querer acoplar mitologia greco-romana ao meu fazer e pesquisar artístico.

Tendo consciência da existência de incontáveis escritos e artigos sobre mitologia grega, para preservar a acuracidade acerca da história de Cronos na presente pesquisa, invocarei Hesíodo, poeta da antiguidade grega, como fonte mór do primeiro capítulo, visto que a *Teogonia*¹ recita detalhadamente a origem de Cronos, convergindo paralelamente à sua

¹ A *Teogonia* (do grego *theogonia*, *theos*=deus + *genea*=origem, que significa "origem dos deuses") é um poema didático e instrucional do século VIII a.C, creditado ao poeta grego Hesíodo. A *Teogonia*, a princípio, não foi

iconografia presente na História da Arte, sucedendo-se na premissa do segundo capítulo, visando continuar o enredo apresentado anteriormente, executando o mito através da pensamento metafórico proposto por Joseph Campbell, configurando Cronos análogo a psique humana, analisando-o sob a optica da psicologia analítica de Jung e Freud intrínsecos à história a este mito, finalizando no último capítulo a amarração da teoria dissecada no capítulo 1 e 2 metamorfiza-se na materialização da prática artística, mostrando processo de criação poético e simbólico da série *Pai*.

1. CRONOS

O propósito deste capítulo é mergulhar na mitologia greco-romana, delimitando a dimensão escabrosa e deveras numerosa desse universo mitológico, desconsiderando incontáveis mitos para evidenciar o protagonista desse trabalho de conclusão de curso: o titã Cronos².

A bússola norteadora que irá guiar essa pesquisa no mapeamento acerca da história de Cronos encontra-se no poema mitológico de 1022 versos hexâmetros dactílicos³, alcunhado *Teogonia*, narrado pelo poeta grego Hesíodo no século VIII a.C., escrito contemporâneo ao período fortemente preenchido pela crença incontestável da existência de divindades gregas e sua interação na sociedade.

No poema Hesíodo coloca-se como participante, escrevendo na terceira pessoa, ele interage inicialmente com as nove Musas⁴, personagens de suma importância, que ensinam-no a cantar, instruindo-o a propagar a história dos seres imortais, daqueles que viverão para sempre.

Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino. [...] Eia! pelas Musas começemos, elas a Zeus pai hineando alegam o grande espírito no Olimpo dizendo o presente, o futuro e o passado vozes aliando. Infatigável flui o som das bocas, suave. Brilha o palácio do pai. Zeus troante quando a voz líria das Deusas espalha-se, ecoa a cabeça do Olimpo nevado e o palácio dos imortais (Hesíodo, 2007, p. 99 - 101, tradução Jaa Torrano⁵)

² Cronos, Krónos, sem etimologia certa até o momento. A aproximação com o verbo kraínein, "concluir, vibrar o último golpe" é foneticamente difícil de comprovar. Se, na realidade, Krónos, Crono, nada tem a ver etimologicamente com Khrónos, o Tempo, semanticamente a identificação, de certa forma, é válida. (Brandão, 1991, p. 198).

³ O hexâmetro dactílico, como o próprio nome sugere, é o verso de ritmo dactílico, ou seja, composto por seis pés, contendo um elemento (ou meio-pé) forte e um elemento (ou meio-pé) fraco, de forma que o acento (*ictus*) ou sílaba forte, sempre recai sobre o primeiro meio-pé. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno04-06.html>. Acesso em: 14 jul 2023.

⁴ Na mitologia grega, as nove Musas são deusas de várias artes, tais como a música, a dança e a poesia. Abençoadas com maravilhosos talentos artísticos, elas também possuem grande beleza, graça e fascínio. Seus dons de canto, dança e divertimento ajudam aos deuses e à humanidade a esquecerem seus problemas e inspiram músicos e escritores a irem além intelectual e artisticamente. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-787/musas/>. Acesso em: 14 jul 2023.

⁵ Considerando o fato de que a Teogonia de Hesíodo é um poema extremamente antigo escrito em VIII a.C., opta-se por usar uma tradução atualizada, o ano presente na citação refere-se a edição traduzida e não a data de obra original.

Posteriormente ao *Hino às Musas*, no poema *Os Deuses Primordiais*, Hesíodo descreve o nascimento dos deuses, explicando detalhadamente acontecimentos antecessores, apresentando a concepção do universo através da óptica greco-mitológica.

Nos versos de Hesíodo, Caos é primogênito da existência, fundador do universo, o ser ancestral que concebeu a Terra (Gaia) - mãe primordial -, que subsequentemente originou o Céu Estrelado (Urano), formando uma união matrimonial estranhamente peculiar que resulta no nascimento de doze titãs, destacando aqui o caçula - estrela dessa pesquisa -, o hediondo e perverso Cronos.

E então ela (Gaia) se deitou com o Céu, e deu à luz Oceanus e Koios, redemoinhos profundos; então Kreius (Crius), Hyperion (Hipérion), Iapetus (Jápeto), Theia (Téia), Rhea (Réia), Themis (Têmis), Mnemosyne (Memória), Lovely Tethys (Tétis Amorosa) e Phoebe (Febe) de coroa dourada. E após com ótimas armas Crono de curvo pensar, filho o mais terrível: detestou o florescente pai. (Hesíodo, 2007, p. 105. tradução Jaa Torrano)

Cronos nasce imediatamente sucumbido por ódio, direcionado a seu pai Urano. visto que anteriormente ao seu nascimento, o pai abominava sua própria prole, soterrando-os na Terra (Gaia), negando-lhes uma existência decente, alimentando o sentimento de desprezo de seus filhos oprimidos, ademais alegrando-se de monstruosa façanha, se deleitando no sofrimento de sua esposa, que em seu interior gemia, consequência do entulhamento infringido pela nefasta obra de Urano.

Gaia encontrava-se completamente subjugada, à mercê do implacável e poderoso Céu (Urano), sendo engolida pela faísca da revolta, presenciando colossal atrocidade cometida contra si e seus filhos, ela decide interferir. E utilizando metais do próprio corpo para conceber uma foice, oferece à seus queridos filhos, esperando reação de bravura que os salvaria da tirania, no entanto, negaram-lhe ajuda, temendo a fúria do pai, não ousaram se pronunciar. Felizmente seu pequeno maquiavélico Cronos, dispunha de enormes culhões - movido pela ganância -, estando prontamente à disposição para ceifar o destino de Urano e apoderar-se do controle do universo. Culminando na perpetuação da personalidade divina, imponente e destemida em representações de Cronos na História da Arte, claramente visível na Figura 1, onde empunha a bendita foice presenteada por Gaia, segurando a ampulheta, criando a narrativa de detentor do tempo, apoderando-se das rédeas da efêmera existência, atuando como carrasco que delimita a vida a ser finita, fadada a brutalmente abocanhar até mesmo o inexorável e onipotente Urano.



Figura 1: Ignaz Gunther, *Cronos*, 1765 - 1770, escultura em madeira, 62 cm, Bayerisches Nationalmuseum, Munique.

Fonte: <https://www.bayerisches-nationalmuseum.de/sammlung/highlights/00057847>

Tais acontecimentos fatídicos imortalizaram-se através do cantarolar de Hesíodo:

Rápida criou o gênero do grisalho aço, forjou grande podão e indicou aos filhos. Disse com ousadia, ofendida no coração: “Filhos meus e do pai estólido, se quiserdes ter-me fê, puniremos o maligno ultraje de vosso pai, pois ele tramou antes obras indignas”. Assim falou e a todos reteve o terror, ninguém vozeou. Ousado o grande Crono de curvo pensar devolveu logo as palavras à mãe cuidadosa: “Mãe, isto eu prometo e cumprirei a obra, porque nefando não me importa o nosso pai, pois ele tramou antes obras indignas” (Hesíodo, 2007, p. 107. tradução Jaa Torrano)

Permanecendo nos versos finais da citação anterior, na sentença proferida por Cronos, em que ele promete encarregar-se da punição de Urano, inicia-se o planejamento da artimanha para derrotá-lo. Gaia instrui Cronos a se esconder em seus aposentos, alegando que Urano iria visitá-la naquela noite, para assim, golpeá-lo sorrateiramente. Enquanto o lascivo Urano tentava consumir o coito com Gaia, Cronos empunhando uma tenebrosa foice, o atacou ferozmente, cortando suas genitálias. O sangue de Urano que atingiu Gaia, acarretou no

nascimento das Erínias⁶, dos Gigantes⁷ e das Ninfas⁸, acontecimento narrado por Hesíodo na *Teogonia* “ [...] quantos salpicos respingaram sangüíneos a todos recebeu-os a Terra; com o girar do ano gerou as Erínias duras, os grandes Gigantes rútilos nas armas, com longas lanças nas mãos, e Ninfas chamadas Freixos sobre a terra infinita” (Hesíodo, 2007, p. 109. tradução Jaa Torrano), ademais o surgimento da deusa Afrodite⁹, consequência do deslocamento das genitálias de Urano no oceano, especificamente no rio Chipre.

Cronos brutalmente cortou laços entre Urano e Gaia, literalmente separando Céu e Terra, aprisionando seu pai no Tártaro¹⁰ e na sua ausência, tornando-se o primeiro rei do mundo. Posteriormente à auto proclamação como autoridade suprema, Cronos apoderou-se de céu e terra, retirando-os do alcance de seus progenitores, conjuntamente a ameaça dirigida a seus irmãos Oceanus e Tétis para conceder-lhe domínio sobre o mar. Cético e paranóico, pretendia governar sozinho. Partindo desse ato, o universo foi regido pela linhagem de titãs, segundo Hesíodo, tratava-se da segunda geração divina. Seu prestigiado reinado foi nomeado a Era Dourada, época fortemente marcada pela ausência de doenças, fome ou dificuldade, em que recém nascida humanidade desfrutava da juventude infinita, da vida harmoniosa e da morte pacífica.

Paralelamente ao período inicial da Era Dourada, Cronos perpetuou o apreço por matrimônios de procedência questionável herdado de seus pais, casando-se com sua irmã Réia, união que resultou no nascimento de 6 filhos, os ancestrais deuses olímpicos: Héstita¹¹,

⁶ As **erínias** entidades infernais encarregadas de punir toda pessoa que perturbasse a ordem no mundo. Disponível em: <https://espacodacultura.com.br/benditas-benevolentes/>. Acesso em: 14 jul 2023.

⁷ Os **gigantes** eram seres enormes, fortíssimos e de aspecto aterrador, às vezes representados com serpentes ao invés de pernas. Disponível em: <https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0175>. Acesso em: 14 jul 2023.

⁸ As **ninfas** eram ligadas à natureza e à terra — eram, portanto, uma extensão de Gaia. Não formavam um grupo homogêneo e recebiam nomes especiais, conforme o lugar que habitavam: meliades (freixos, um tipo de arbusto), náíades (fontes e riachos), oréades (montanhas), alseides (bosques), hamadriades (árvores). Disponível em: <https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0856>. Acesso em: 14 jul 2023.

⁹ **Afrodite** era a antiga deusa grega do amor, beleza, desejo e todos os aspectos da sexualidade. O equivalente romano da deusa era Vênus. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/Aphrodite/>. Acesso em: 14 jul 2023.

¹⁰ **Tártaro** era o lugar mais baixo do universo, abaixo do submundo, mas separado dele. O Tártaro é mais conhecido graças à *Teogonia* de Hesíodo, onde é um dos primeiros seres a existir no universo, bem como o local onde os monstros são encerrados, os titãs. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/es/1-19348/tartaro/>. Acesso em: 14 jul 2023.

¹¹ **Héstita** era a deusa virgem grega do lar, do lar e da hospitalidade. Para os romanos, a deusa era conhecida como Vesta. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/Hestia/>. Acesso em: 15 jul 2023.

Deméter¹², Hera¹³, Hades¹⁴, Poseidon¹⁵ e o digníssimo Zeus, portador do protagonismo em *Teogonia*, aclamado e exaltado incessantemente por Hesíodo “[...] o sábio Zeus, pai dos Deuses e dos homens, sob cujo trovão até a ampla terra se abala” (Hesíodo, 2007, p. 123. tradução Jaa Torrano), que segundo a profecia, estava destinado a destronar seu pai. No entanto, a paranóia ardia no âmago de Cronos, o medo intenso do dito presságio despertou seu instinto primitivo, fazendo-o agir irracionalmente, devorando suas próprias crianças recém-nascidas, façanha monstruosa que ofusca o restante de sua história, sendo a ação mais marcante, tornando-se alegoria atemporal, interligada ao tempo que aniquila e engole a existência, “Esse comportamento retrata a característica de um tempo destruidor, até mesmo de suas próprias criações.” (Martins et al. 2012, p. 220). Sendo esta ação desumana de comer sua prole, o retrato mais recorrente quando se menciona o nome de Cronos, mencionando aqui as obras de Francisco de Goya (Figura 2 e 4) e Pedro Pablo Rubens (Figura 3), que capturam perfeitamente a insanidade do rei dos titãs, perdido no limbo tenebroso, consumido pelo vácuo que ecoa somente medo e desespero, sugando a alma já esvaída de seu filho moribundo, ilustrado magnificamente na pintura de Rubens (Figura 3), paralelamente à cena agonizante de se presenciar, onde Goya (Figura 2) transpõe a brutalidade desse ato, utilizando cores escuras e a feição de loucura imortalizada no rosto de Cronos, remetendo-se ao mórbido da situação, em contraste com a figura 4, utilizando o mesmo artifício narrativo, acrescentando outro corpo falecido a ação desenhada, aumentando a dimensão devastadora, indicando o afobamento da destruição, do indivíduo completamente a mercê do tempo corrosivo que eventualmente vai te canibalizar até os ossos, que diferentemente da figura 1, são ausentes da postura grandiosa e asas angelicais, no qual o porte da foice transmite a imagem de justiceiro, que ceifou o período de tirania de Urano, praticamente agindo como um cavaleiro defensor prestes a aniquilar seu pai para proteger sua sua amada mãe, acentuando o heróismo visual, enquanto nas figuras 2, 3 e 4, Cronos faz uso da própria arcada dentária para consumir suas crianças, explorando a dualidade entre generosidade e crueldade do tempo conforme o contexto da situação.

¹² **Deméter** era uma deusa da agricultura e garantia a fertilidade da terra. Nome romano: Ceres. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/demeter/>. Acesso em: 15 jul 2023.

¹³ **Hera** é a esposa de Zeus e rainha dos antigos deuses gregos. Hera representava a mulher ideal, era a deusa do casamento e da família e protetora das mulheres no parto. Equivalente romano da deusa era Juno. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/Hera/>. Acesso em: 15 jul 2023.

¹⁴ **Hades** era deus grego do submundo e o nome do lugar sombrio abaixo da terra que era considerado o destino final das almas dos mortos. Conhecido pelos romanos como Plutão. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/Hades/>. Acesso em: 15 jul 2023.

¹⁵ **Poseidon** era o deus grego do mar e dos rios, criador de tempestades e inundações, e portador de terremotos e destruição. Para os romanos, era conhecido como Netuno. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/poseidon/>. Acesso em: 15 jul 2023.



(Esquerda) Figura 2: Francisco de Goya y Lucientes, *Saturno*, 1820 - 1823, técnica mista, 143.5 x 81.4 cm, Museu del Prado, Madrid.

Fonte:

<https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/saturno/18110a75-b0e7-430c-bc73-2a4d55893bd6?searchid=533d2869-4f72-08a2-ab28-8a5f55a26478>

(Direita) Figura 3: Pedro Pablo Rubens, *Saturno devorando a un hijo*, 1636 - 1638, óleo sobre tela, 182,5 x 87 cm, Museu del Prado, Madrid.

Fonte:

<https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/saturno-devorando-a-un-hijo/d022fed3-6069-4786-b59f-4399a2d74e50?searchid=a522d658-22ba-8e3e-4d3a-2350644f69a4>



Figura 4: Francisco de Goya y Lucientes, *El Tiempo devorando a los hombres*, 1797, lápis vermelho sobre papel, 20.2 cm, Museu del Prado, Madrid.

Fonte:

<https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/el-tiempo-devorando-a-los-hombres/7ebd0860-b267-4033-9991-5f13c7958ec0?searchid=13a6940a-6d41-867d-407b-9e2436c1e29b>

No entanto atos abomináveis de Cronos não apagaram-se juntamente com a existência de sua prole, corroborando para a perturbação mental de sua esposa Réia, sucedendo na

interação com Urano e Gaia, implorando por sua ajuda para que conseguisse parir Zeus sem a interferência impiedosa de Cronos.

Cronos regularmente prestava visitas a seus irmãos titãs para garantir ausência de tramóias contra ele, e aproveitando-se disso, Réia ardilosamente simulou o nascimento do filho, entregando a seu querido esposo uma pedra enrolada em cobertores, ludibriando-o com êxito, visto que o material foi engolido imediatamente. Prosseguindo, aconselhada por Gaia e Urano, Réia viaja para a ilha de Creta, lugar de nascimento e esconderijo de Zeus, onde ele foi criado por Gaia, cuidado e alimentado pelas ninfas locais e frequentemente visitado por sua amada mãe, crescendo robusto e astuto, moldado para aniquilar a perversidade de seu pai. Réia então invoca Metis¹⁶, que desenvolve uma poção para Zeus coagir Cronos a ingerir, fazendo-o regurgitar sua prole anteriormente devorada.

O encerramento narrativo de Cronos finalmente se inicia, partindo da *Titanomaquia* (Hesíodo, 2007), extenso e incessante conflito entre o titã Cronos e seus sucessores que durou 10 anos, resultando no fracasso de Cronos, que foi condenado a uma existência eternamente miserável nas profundezas do Tártaro, indicando o término do próprio tempo, que tudo termina, como é poeticamente cantarolado na música *Meet me on the Equinox*:

Uma janela
 Uma tumba aberta
 O sol rastejando
 Através de seu quarto
 Uma auréola
 Uma sala de espera
 Sua última respiração
 Movendo através de você

Como tudo, tudo termina
 Como tudo, tudo termina
 Como tudo, tudo termina
 Tudo, tudo, tudo termina

(Death Cab for Cutie, *Meet me on the Equinox*, 2009. 3:40 min. tradução nossa)

¹⁶ **Metis** era filha de Oceanus e Tétis. Ela era conhecida como a deusa da sabedoria, da astúcia e da inteligência, e também era considerada a personificação da habilidade de pensar e aconselhar. Ela era tão inteligente e astuta que até mesmo Zeus, o rei dos deuses, se apaixonou por ela. Disponível em: <https://deusesgregos.com.br/metis/>. Acesso em: 20 de jul 2023.

O trecho da música anteriormente citada encontra-se no contexto de evaporação do tempo, escrita especialmente para o filme *Lua Nova*¹⁷, onde a protagonista encara o precipício temporal, completamente atordoada ao pensar no envelhecimento, na iminente morte, no fim, visto que esta interagiu intimamente com o ideal de imortalidade, conversando diretamente com a história de Cronos, caracteristicamente representado como um homem de idade avançada (Figuras 1, 2, 3 e 4), constantemente lembrando o estágio final da vida, de forma que a derrota de Cronos, sucedeu-se na anulação do próprio tempo, culminando nos deuses apoderando-se da existência infinita. No entanto, saindo da bolha mitológica, os deuses sucumbiram, tornando-se apenas um mito, uma alegoria da psique humana. Afinal, tudo termina!

¹⁷ Saga Crepúsculo: **Lua Nova**. Direção: Chris Weitz. Produção: Wyck Godfrey, Karen Rosenfelt. Paris Filmes, Brasil, 2009.

2. PATERNIDADE METAFÓRICA

Partindo da intencionalidade primária da mitologia de explicar fenômenos naturais mediante à contos fantasiosos, neste capítulo, delimito amplitude analítica do mito descrito anteriormente, focando-se especificamente na paternidade exercida por Cronos, deslocando-o para contemporaneidade, acrescentando complexidade a suas ações, transcendendo a interpretação literal do mito e analisando-o poeticamente mediante ao pensamento metafórico proposto na teoria do escritor e mitologista Joseph Campbell descrita em seu livro *A extensão interior do espaço exterior: a metáfora como mito e religião*:

Como os sonhos, os mitos são produtos da imaginação humana. Suas imagens, em consequência, embora oriundas do mundo material e de sua suposta história, são, como os sonhos, revelações das mais profundas esperanças, desejos e temores, potencialidades e conflitos da vontade humana [...] todo mito, intencionalmente ou não, é psicologicamente simbólico. Suas narrativas e imagens devem ser entendidas, portanto, não literalmente, mas como metáforas (Campbell, 2002, p.55-56, tradução nossa)

Permanecendo no raciocínio de Campbell, o mito de Cronos transgride seu estado originário, adquirindo caráter metafórico, tornando-se alusão transparente acerca da psique humana. O instinto primitivo, a brutalidade horripilante, o egocentrismo, a imperfeição e o medo incandescente, sentimentos corriqueiros à nossa espécie, claramente escancarados na recorrente representação iconográfica de Cronos (Figura 2 e 3), impactante cenário de canibalização da sua própria prole, tratando-se do espelhamento mitológico da realidade, o tempo avassalador que engole tudo, o amor paterno excessivo que visa consumi-lo.

Transitando entre espaço-tempo civilizacional, é indubitável importância da figura paterna na sociedade, sendo incubido ao pai a participação na árdua tarefa de criar um indivíduo, diferentemente da mãe, este não goza-se do vínculo simbiótico mãe-bebê, atuando como agente secundário/primordial na formação estrutural da criança.

A mãe, que providencia calor, proteção e alimento é também a lareira, a caverna ou cabana protetora e a plantação em volta. A mãe é também a roça fértil e seu filho é o grão divino, o irmão e amigo dos homens. A mãe é vaca leiteira e rebanho. O pai anda por aí, fala com os outros homens, caça, viaja, faz guerra, espalha seu mau humor qual tempestade e, sem muito refletir, muda a situação toda num piscar de olhos. Ele é a guerra e a arma, a causa de todas as mudanças. É o touro provocado para a violência

ou para a preguiça apática. É a imagem de todas as forças elementares, benéficas ou prejudiciais. (Jung, 1964, p.45).

O pensamento de Jung¹⁸ culmina no acréscimo de complexidade da funcionalidade paterna, expandindo-se externamente, desprendendo-se unicamente da esfera nuclear tradicional - pai, mãe e filho -, tornando-se também pai da sociedade, considerando o patriarcado, onde o homem/pai é comumente a autoridade, interferindo diretamente na metamorfose social. Contextualizando então a relevância desta pesquisa, visando o deslocamento do mito clássico de Cronos para a contemporaneidade, analisando-o mediante a configuração familiar moderna, onde a interferência da industrialização sucedeu-se no trabalho externo feminino à casa/lar, conseqüentemente encaixando a figura masculina no comprometimento assíduo acerca da responsabilidade parental, aspecto apontado na tese *Arquétipos do pai: a paternidade e o masculino em transformação* escrita por Bernardo Antônio Almeida Pinto de Souza, onde o autor minuciosamente destrincha a transmutação submetida aos homens e pais na pós-modernidade:

O conceito de família vem passando por diversas reformulações na contemporaneidade. O modelo tradicional nuclear – composto por pai, mãe e filhos – não é mais o principal arranjo das conformações familiares atuais. Estas transformações estão relacionadas a mudanças sociais, culturais e econômicas que ocorrem desde a modernidade, como os processos de industrialização, a entrada da mulher no mercado de trabalho, as mudanças nas relações de gênero, assim como o aumento do número de separações, divórcios e adoções. Neste contexto, os papéis parentais são ressignificados, extrapolando os sentidos e as funções que anteriormente definiam o que era ser pai ou mãe. Porém, é importante ressaltar que, junto com as novas concepções, ainda coexistem as antigas. (Souza, 2014, p.9)

Conceito paralelamente exprimido na situação pai-filho contida em Cronos, onde ausenta-se o importantíssimo membro feminino, decorrente do abrupto rompimento simbiótico mãe-filho provocado por Cronos na ação tenebrosa de retirar a prole recém nascida do seio materno e consumi-la, conseqüentemente abarcando completamente a responsabilidade parental, caracterizando-se como o modelo paterno contemporâneo contextualizado por Souza.

¹⁸ Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um psiquiatra suíço, fundador da escola de Psicologia Analítica. Desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, de arquétipos e do inconsciente coletivo. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carl_gustav_jung/. Acesso em: 14 de jul 2023.

Percorrido a funcionalidade paterna de estruturar o caráter do indivíduo, para compreender Cronos prossegue-se a indispensável análise comportamental de seu progenitor, considerando o impacto colossal resultante da ação do pai na existência do filho. O nascimento de Cronos situa-se no rompimento visceral da tirania de Urano, contemplando a existência através do desmembramento brutal e violento daquele que supostamente deveria acolhê-lo, tais ações sucedem-se da paternidade porcamente exercida por Urano, manifestando somente a funcionalidade biológica, gozando-se sem pudor, detendo-se zero resquício de consciência afetiva e instinto protetor destinado à suas crias, desprezando-as por completo, incubindo integralmente o dever de criar e educar a criança para a mãe no ato de conceber o nascimento do filho e imediatamente devolvê-lo para o útero de Gaia, retratando a atribuição rudimentar do pai mencionado por Pedro Chaves no capítulo *O pai na psicologia analítica*:

A imagem mais rudimentar de pai é a de homem que cria vida. Aqui subjaz à narrativa do pai como um iniciador de movimento, que remeterá a sua concepção de fecundador, tanto terreno como espiritual. Esse seria o nível mais básico dentre as imagens paternas, sintetizadas no falo [...] Note-se que um compromisso familiar não está aqui grifado, apenas o poder fisiológico do homem fecundar uma mulher, contido no símbolo do falo paterno enquanto criador também de “edifícios, cidades, arte, religião e governo (Chaves, 2023, p.51)

A imagem rudimentar do pai descrita por Chaves concretiza-se perfeitamente na narrativa de Urano, caracterizando-se essencialmente na concepção fisiológica, ausentando-se do âmbito familiar, propiciando lacunas na configuração estrutural do indivíduo mediante a escassez da importantíssima figura paterna, sucunbindo à dinâmica do complexo paterno negativo (Contrera, 2015). Analisando as circunstâncias de Cronos, essa carência permite o florescimento de ódio incandescente direcionado ao pai, sucedendo-se na morte de Urano, cenário que ilustra puramente o Complexo de Édipo¹⁹.

¹⁹ Este termo - Complexo de Édipo - se originou a partir da mitologia grega, nomeadamente por influência da história que envolve a tragédia grega “Édipo Rei”, escrita originalmente por Sófocles, em 427 a.C. Resumidamente, a lenda do “Édipo Rei” conta a história de como Édipo assassinou o seu pai e casou com a própria mãe, tendo quatro filhos com ela. Ambos, no entanto, não sabiam que eram mãe e filho. Quando descobriram (através do oráculo), Jocasta, a mãe de Édipo, se suicidou. O rapaz, como punição por não ter sido capaz de reconhecer a própria mãe, furou os dois olhos e ficou cego. Disponível em: <https://www.significados.com.br/complexo-de-edipo/>. Acesso em: 15 de jul 2023.

No livro *A Dissolução do Complexo de Édipo*, o psicanalista Sigmund Freud destrincha minuciosamente acerca do desenvolvimento da criança, marcado pelo surgimento de sentimentos de caráter incestuoso e hostil voltado para mãe e pai:

Simplificadamente, o caso se configura da seguinte forma para o menino. Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por “apoio”; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo. A identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, muda para o desejo de eliminá-lo, a fim de substituí-lo junto à mãe. (Freud, 1924, p. 28. tradução Paulo César de Souza)

Freud apóia-se na peça de teatro *Édipo Rei* do dramaturgo Sófocles, baseando-se no trágico mito grego para adentrar a psique humana, paralelamente convergindo à teoria metafórica de Campbell, recorrendo à mitologia como artifício para explicitar o conceito abordado, semelhantemente à proposta do presente trabalho de conclusão de curso.

O complexo de Édipo tratado nesta pesquisa vincula-se especificamente à cria masculina, manifestando-se nas ações oriundas da animozidade canalizada ao genitor de sexo oposto, sem a presença do pai (Urano) para caracterizar-se como empecilho na relação incestuosa mãe-filho, consuma-se a proximidade entre Cronos e Gaia, este buscando agradar a matriarca, dispõe-se a realizar seus pedidos, resultando na eliminação da figura paterna, desintegrando o elo que unificava céu e terra (pai e mãe), ação brutalmente executada por Cronos no intuito de aniquilar a tirania de Urano e proteger sua amada mãe, tornando-se o herói desta narrativa, o anjo protetor e imponente empunhando a foice da justiça, carregando consigo a ampulheta (Figura 1), salientando a finitude inevitável, concretizando o Complexo de Édipo, apoderando-se da identificação com o pai (Freud, 1924), usurpando o posto da figura paterna, tornando-se reflexo do homem que Cronos mais despreza: seu pai.

Partindo da execução precária da paternidade, sua subsequência é deveras óbvia, o indivíduo afetado dispõe-se de duas alternativas: espelhar-se ou renegar-se. Conhecendo a história de Cronos apresentada no primeiro capítulo, sabe-se o caminho escolhido, ironicamente este herói que rompeu a opressão tornou-se opressor, dualidade expressada na convergência das figuras 1 e 2, onde Cronos explicitamente desvirtua-se do caráter heróico para tornar-se o monstro hediondo que açoita sua prole, metamorfismo transparente no detalhamento imagético, captando sua postura austera e asas angelicais (Figura 1) para

modificar-se na criatura insana, totalmente despida de humanidade (Figura 2), cabendo na interpretação metafórica a inserção da imagem clássica do pai como herói, que deveria protegê-lo, sendo símbolo de inspiração para o filho, que simultaneamente infringe sua ruína, ambiguidade perfeitamente traduzida na canção *Pai* do Fábio Jr:

Pai
 Você foi meu herói, meu bandido
 Hoje é mais, muito mais que um amigo
 Nem você, nem ninguém tá sozinho
 Você faz parte desse caminho
 Que hoje eu sigo em paz
 (Fábio Jr, Pai, 1979. 4:54 min)

O trecho musical anteriormente citado encaixa-se no aspecto dualístico narrativo de Cronos, exprimindo a complexidade paterna, o pai herói-bandido, multifacetário, humanamente imperfeito, considerando o impacto do pai na formação do indivíduo, este membro importantíssimo na sociedade e âmbito familiar sempre estará no encaixe da caminhada do filho, sendo por sua ausência ou presença. Observando as circunstâncias de Cronos, este propõe uma dinâmica completamente divergente de Urano, que detinha somente a funcionalidade biológica, “[...] Cronos devora, mas ele também cuida, e faz crescer. A ação que ceifa, que cerceia, também é a ação que estrutura, que dá limites necessários.” (Contrera, 2015, p. 319), o canibalismo traduz-se metaforicamente como o amor obsessivo, sendo insuficiente apenas amar, havendo a necessidade de consumi-lo por completo, ação executada na mitologia de Cronos, onde o pai tirano remove o filho do seio materno e toma-o para si, encarregando-se completamente da responsabilidade parental, atuando simultaneamente como carrasco e protetor, o herói e bandido, ceifando e estruturando, caracterizando-se como pai imperfeito, espelhamento da humanidade.

Paralelamente à ambiguidade da imperfeição do ser humano, forma-se a contraditória narrativa imagética, onde Cronos é caracterizado similarmente à figura do anjo etéreo (Figura 5) existente na religião cristã, opondo-se a imperfeição, cabendo a inserção do anacronismo mediante a interpretação contaminada pelo período sócio-histórico-cultural vigente, que segundo a pesquisa do Datafolha, metade do povo brasileiro é católico (G1, 2020), incluindo o eu preso no espaço-tempo infância-adolescência, seguindo o catolicismo por forte influência dos pais - o primeiro âmbito social da criança -, sendo a igreja no interior de Goiás o terceiro ambiente mais recorrente na minha infância, onde fui coroinha, fiz catequese, esporadicamente cantei no microfone com meu pai durante as missas e encerrei meu ciclo na

metade do ritual, realizando somente a primeira comunhão²⁰, sem completar a crisma²¹, mas basicamente este pequeno relato serve-se de contextualização para a associação primária entre Cronos e anjo, especulando-se a impossibilidade da correlação caso eu me encontrasse em outro contexto sociocultural, ademais no estágio de catalogação das obras referenciais para a pesquisa, quando vislumbrei as figuras 1, 5, 6 e 7, onde Cronos possui asas de anjo, postura austera e corajosa (Figura 1), instantaneamente remeti à estatueta do arcanjo Miguel derrotando satanás (Figura 8) presente na estante empoeirada que alojava a televisão na antiga casa do meu pai. Infelizmente não disponho de registros fotográficos específicos desse objeto porque é inviável visitá-lo para obtê-lo, no entanto, a figura 8 captura perfeitamente sua essência, ambos Miguel e Cronos (Figura 1) encontram-se em poses similares, prestes a ceifar/derrotar o desconhecido/diabo, diretamente dialogando com o heroísmo do pai.

Conservando-se na via cristã e análise imagética, a convergência de simbologias implica na configuração santificada da criatura angelical, e simultaneamente o quinto mandamento da Bíblia manifesta o caráter sagrado do pai, decretando honrá-lo. “Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.” (Êxodo 20:12) Nessa narrativa, apoiando-se na figura 5, Cronos torna-se o pai sagrado que deve ser honrado, aproximando-se da dimensão divina do arcanjo Miguel²², anjo análogo à Deus, o pai criador, onipresente, semelhantemente ao mito de Cronos, onde este abarca completamente a criação de sua prole. Contrapondo-se à narrativa, o ato hediondo executado por Cronos contra suas crias sobressai-se à postura divina, modificando o tom etéreo expremido na pintura de Goya (Figura 5), onde Migrar e Romanelli capturam majestosamente a ambiguidade anteriormente abordada acerca do descaso paterno, estando ambas imagens (Figura 6 e 7) a presença da criança em situação desfavorável, indicando o uso de violência

²⁰ A Primeira Comunhão ou Primeira Eucaristia é o ato religioso da Igreja Católica no qual é celebrada a primeira vez que a criança cristã irá receber o Corpo e o Sangue de Cristo (sob a forma de pão e vinho). Trata-se de um dos Sacramentos da Igreja – assim como o Batismo – no qual é representado “*o próprio sacrifício do Corpo e do Sangue do Senhor Jesus, que Ele instituiu para perpetuar o sacrifício da cruz no decorrer dos séculos até ao seu regresso*”. Disponível em: https://www.bigmae.com/primeira-comunhao/#google_vignette. Acesso em: 15 de nov 2023.

²¹ O Sacramento da Confirmação, mais conhecido por Crisma – que significa unção, é um dos Sacramentos da iniciação cristã. Os que recebem o Crisma estão mais perfeitamente ligados à Igreja, são especialmente assistidos pelo Espírito Santo, e estão mais incentivados a difundir e a defender a fé por palavras e obras. Durante o Crisma, o Bispo impõe as mãos e unge com o óleo consagrado, sinal de abundância, alegria, purificação, agilidade para a luta e cura. Por fim, é sinal de uma consagração, pois os que são ungidos participam mais na missão de Jesus Cristo e na plenitude do Espírito Santo. Disponível em : <https://www.paroquiadeloures.pt/crisma.html>. Acesso em: 15 de nov 2023.

²² Tudo indica que Miguel é o nome de Jesus lá no céu, antes e depois de viver na Terra. Algumas religiões o chamam de “São Miguel”. A Bíblia conta que Miguel lutou com Satanás depois da morte de Moisés e ajudou um anjo a levar uma mensagem para o profeta Daniel. (Daniel 10:13, 21; Judas 9) Miguel significa “Quem é semelhante a Deus?”. E ele com certeza merece esse nome já que defende o governo de Deus e luta contra os inimigos Dele. — Daniel 12:1; Apocalipse 12:7. Disponível em :<https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/perguntas/arcanjo-miguel/>. Acesso em: 15 de nov 2023.

como método aceitável de educação visto que as asas de Cronos continuam explicitamente visíveis nas figuras 6 e 7, divergindo da obra *Saturno* de Francisco de Goya (Figura 2), que detém a obscuridade respectiva à façanha tenebrosa retratada, traçando o limiar da brutalidade admissível empregada na construção moral do indivíduo.



Figura 5: Francisco de Goya y Lucientes, *Truth, Time and History*, 1804 - 1808, óleo sobre tela, 294 x 244 cm, National Museum, Suécia

Fonte:

<https://collection.nationalmuseum.se/eMP/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=22643&viewType=detailView>



Figura 6: Pierre Mignard, *Time Clipping Cupid's Wings*, 1694, óleo sobre tela, 66 x 54 cm, Denver Art Museum, França.

Fonte: <https://www.denverartmuseum.org/en/object/2000.201>



Figura 7: Giovanni Francesco Romanelli, *Chronos and his child*, séc XVII, óleo sobre tela, 94 x 123 cm,
National Museum, Varsóvia

Fonte: <https://cyfrowe.mnw.art.pl/pl/katalog/507066>



Figura 8: *Arcanjo Miguel derrotando Satanás*, escultura em resina, 75 x 45 x 55 cm.

Fonte: <https://www.wtarte.com.br/sao-miguel-arcanjo-75cm-em-resina>

Cronos é abominável, o canibalismo metafórico à violência demasiada infringe repulsa, utilizando-se do castigo físico para corrigir a conduta da criança, posteriormente originando sequelas no desenvolvimento do indivíduo, especialmente no mito, onde o amor e brutalidade são igualmente excessivos, acrescido à ausência manipulada da mãe, o filho testemunha completamente sozinho a fúria do pai, elucidando a situação corriqueira à raça humana, discussão detalhada no artigo *Violência física como prática educativa*:

A violência contra criança e adolescente sempre existiu, não se tratando, portanto, de um fenômeno recente, presente apenas no mundo contemporâneo. É fato que, em determinadas comunidades, os maus-tratos infantis eram aceitos de forma declarada ou velada, chegando, em algumas situações, ao filicídio, elevando as taxas de mortalidade infantil [...] No que diz respeito a atitudes adotadas pelos pais dos entrevistados para resoluções de problemas do cotidiano familiar, os participantes responderam que 57% dos pais batiam, 19% somente conversavam, 15% castigavam, 7% utilizavam a repreensão verbal, por meio de gritos, palavras inadequadas, e 2%, outras formas (Carmo e Harada, 2004)

Considerando a porcentagem altíssima acerca da resolução de conflito cotidiano mediante a violência, percebe-se a problemática coletiva específica à educação no âmbito familiar, tratando-se de métodos infrutíferos para conscientizar o indivíduo de suas respectivas ações, sendo prejudicial à sua configuração moral-estrutural (Carmo e Harada, 2004), sucedendo-se no abundante número de sujeitos traumatizados.

No cenário deste trabalho de conclusão de curso, o pai é o componente determinante, portanto, evocando a barbaridade, considera-se a magnitude corpórea do homem diante da criança, divergindo da mãe, detendo-se 40% a mais de força nos músculos superiores comparado à mulher (BBC, 2017), sumamente contextualizando o impacto incomensurável da colisão entre pai e filho. Independentemente do estudo presente no artigo *Violência física como prática educativa* situar-se em 2004, ainda há insistência na perduração da cultura de maus-tratos como método educacional, constatando a existência inegável deste fato na contemporaneidade mediante o relato extremamente recente, onde o pai agrediu fisicamente a filha para corrigi-la, cometendo o ato abominável de matá-la. “Um homem foi preso por matar a própria filha. [...] Aoulath teria pegado um objeto de um colega de sala e levado para casa. Como castigo, apanhou do pai, que teria sido comunicado do ocorrido pela professora da criança. O pai disse que agrediu a filha para corrigi-la.”(G1, 2023). Cronos captura semelhante brutalidade na canibalização de sua prole (Figura 2), modificando o cenário

anteriormente associado à excessividade amorosa paterna, ademais vinculando-o à trágica execução da paternidade nociva, onde o tempo inexorável consome o devoramento da existência, impedindo-a de ser vivenciada em sua completude no ato extremo de matar o filho, sucumbindo à arquetipa negativa do pai afetada pelo patriarcado ressaltada por Contrera no artigo *Crono e o complexo paterno*:

As muitas maneiras que o patriarcado ocidental criou historicamente para inflacionar a energia do Arquétipo do Pai agiram sobre a sociedade de forma a se criar toda uma rigidez comportamental imposta ao homem que, dessa forma, não pode se mobilizar pelo afeto, nem pelos sentimentos, levando os homens a se afastarem das vivências do próprio corpo, alienando-os das possibilidades de integração psique-soma. E assim criou-se o pai tirano que não abraça, que não acarinha, que não chora, que não toca sequer nos filhos e, quando o faz, é em grande parte das vezes para machucá-los, discipliná-los. Esse pai é introjetado pelo filho como aquela voz interior que o recrimina constantemente, que o desmerece, frente a qual nada que se faça será bom o bastante, ou terá sentido. (Contrera, 2015, p. 322 - 323)

O pensamento de Contrera é intrínseco à história de Cronos, convergindo-se mitologia e iconografia, é perceptível a carência afetiva presente nas representações de Cronos que exprimem a conexão pai-filho (Figuras 2, 3, 4, 6 e 7), onde o pai açoita o filho, destrata a criança, machucando-a, carregando-a descuidadamente, interagindo somente na finalidade de punir, remetendo-se a caracterização grisalha no semblante envelhecido de Cronos, indicando o saber supremo advindo do tempo experienciado, onde o cortar das asas do anjo (Figura 6) é análogo à podar o comportamento - porque o pai sabe mais -, usando-se da autoridade paterna para impedir a insubordinação do filho. “Esta dimensão de autoridade é algo fortíssimo e constante na Bíblia, sobretudo nos escritos sapienciais. Em Provérbios 19, 18, em paralelo com Deuteronômio 21,18-21, fala-se em educar o filho antes que ele destrua o pai, o que pode sinalizar a dimensão do pai como agente da castração.” (Silva, 2007, p.45) Relembrando a profecia que datava o destronamento de Cronos, este destrói as asas de sua prole antes de alçarem vôo à sua aniquilação, no entanto, a punição sucede-se contrariamente à obediência esperada, conseqüentemente resultando no florescimento do ódio direcionado ao pai, nesta circunstância, constituindo o Complexo de Édipo devido a ausência materna somada à violência, criando na criança o desejo de eliminar a figura paterna e usurpá-la (Freud 1924), desencadeando fim similar à discórdia entre Urano e Cronos, onde Zeus desistiu seu pai, iniciando o novo ciclo temporal, persistindo a permanência da tirania e paternidade nociva, ressignificando o simbolismo da ampulheta carregada por Cronos (Figuras 1, 4 e 5),

associando-a ao tempo corrosivo, correspondente ao aspecto destrutivo do pai no desenvolvimento do filho.

Entrelaçando mito e iconografia, concretiza-se a construção da narrativa de Cronos como personificação do pai volátil, transcendendo a interpretação literal, metaforicamente analisando Cronos como indivíduo existente, multifacetário, provido de contradições, sendo simultaneamente o pai excessivamente amoroso e rigidamente autoritário, semelhante à raça humana, convertendo-se na metamorfose teórico-prática no próximo capítulo, onde capturo uma ótica artística contemporânea do mito acoplado a paternidade, subvertendo toda a pesquisa teórica à referências atuais e pessoais para criar uma nova perspectiva do mito clássico de Cronos.

3. PAI

Pormenorizado a convergência mitológica-psicológica intrínseca no mito de Cronos, o presente trabalho sucede-se na produção prática, fomentando a metamorfose teórico-prática, devorando os capítulos anteriores e expelindo a obra: *Pai*.

Pai é uma série de quatro pinturas digitais sobre a paternidade nociva exercida por Cronos, transpassando o caráter mitológico acoplado à psicologia analítica, extrapolando a interpretação literal do mito, capturando sensações e momentos significativos na narrativa, sendo o propósito da obra conversar intimamente com o espectador identificável à situação, concepção advinda da experiência encantadora que vivenciei jogando *Gris*²³, elemento precursor para o pensamento inicial desta série.

Gris é extraordinariamente magnífico, minuciosamente construído, propício a imersão intensa na história, tratando-se do sentimento corriqueiro à raça humana: o luto.

Superficialmente transpassando pela narrativa do jogo *Gris*, nota-se a aproximação acerca da psique humana, onde a protagonista encontra-se desolada, completamente sozinha no mundo que através da lente óptica do indivíduo que experienciou uma perda significativa, acabou-se por ruir em pedaços, iniciando os cinco estágios do luto belamente capturados no jogo *Gris* (Figura 9, 10, 11, 11 e 13), onde o uso das cores e sons configuram o enfrentamento das adversidades, finalizando-se mediante a reconstrução das ruínas e devolução da vida/cores para o mundo antes *Gris*²⁴. Infelizmente é impossível ilustrar a magnitude emotiva e estética em palavras, para compreender completamente sua essência é preciso vivenciá-lo/jogá-lo.

²³ *Gris* é um jogo de plataforma 2D com resolução de puzzles, foi lançado em 2018, sendo o primeiro jogo da produtora de Barcelona, a Nomada Studios, composta por programadores da Ubisoft, pelo artista Conrad Roset e em parceria com a banda Berlinist. O jogo é sobre a jornada de uma garota em busca da sua voz, que lida com a perda de seu refúgio, uma estátua. O objetivo principal é coletar os orbes brilhantes, os mementos (lembranças em latim), espalhados pelos vários cenários, que possuem diferentes tons de cor. Assim, ao conseguir grande partes dos orbes, uma ponte iluminada é criada no céu, formando uma constelação, levando o jogador até o final do jogo. [...] O jogo é uma grande alusão ao modelo Kübler-Ross, foi escrito em 1969 em *Sobre a Morte e o Morrer* pela psiquiatra suíça-americana Elisabeth Kübler-Ross. Nele, ela propõe a existência de cinco estágios pelos quais as pessoas passam ao lidar como o luto, uma perda ou uma tragédia. Estes estágios são: a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação, representando ações que os pacientes tomam na tentativa de se afastarem do problema, com exceção do último. Isso ocorre por conta que lidar com a morte nunca foi da natureza humana sem que haja um grau de esperança, precisando que não só ouvir os pacientes mas também vê-los. (Silverio, 2019, p. 335)

²⁴ *Gris* em espanhol é cinza. Dicionário Cambridge. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/espanhol-ingles/gris>. Acesso em: 10 de dez 2023.



Figura 9: *Negação*, cenário da fase cinza do jogo Gris, 2018.

Fonte: captura de tela do jogo Gris.



Figura 10: *Raiva*, cenário da fase vermelha do jogo Gris, 2018.

Fonte: captura de tela do jogo Gris.



Figura 11: *Barganha*, cenário da fase verde do jogo Gris, 2018.

Fonte: captura de tela do jogo Gris.



Figura 12: *Depressão*, cenário da fase azul do jogo Gris, 2018.

Fonte: captura de tela do jogo Gris.

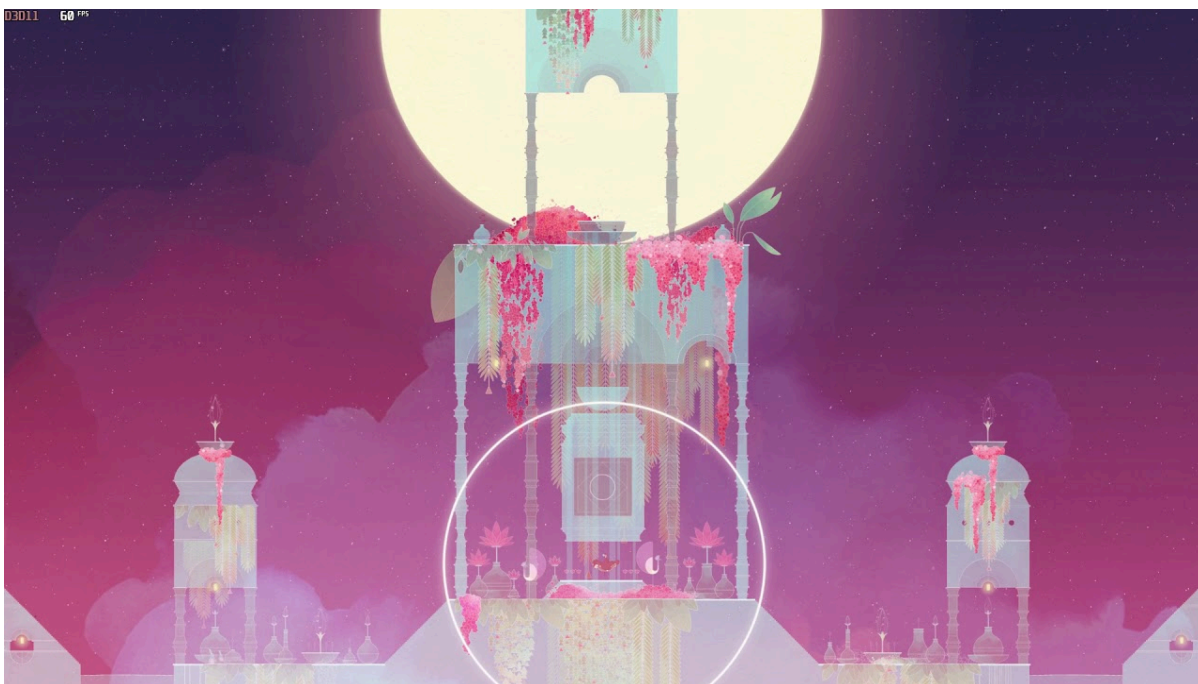


Figura 13: *Otimismo*, cenário da fase amarela do jogo *Gris*, 2018.

Fonte: captura de tela do jogo *Gris*.

Permanecendo na história de *Gris*, a única verdade indubitável acerca da existência é o seu destino: a morte/perda ser inevitável, propiciando a identificação do jogador com a narrativa de *Gris*, explicitando o uso do artifício do sentimento generalizado para aproximar-se do espectador, visto que a morte, o luto e a perda são habituais a nossa espécie, contextualizando a proposta da série *Pai* - similarmente à *Gris* -, é pretendido submergir o espectador na obra, explorando a conexão humana, tratando-se da paternidade, onde a figura do pai está imersa na sociedade e âmbito familiar, impossibilitando a negação identificável, embora haja a possibilidade do pai do espectador não assemelhar-se ao Cronos, existe ainda o patriarcado enraizado na esfera social, o pai da comunidade, afetando diretamente a estrutura coletiva, cabendo ambas interpretações, dependendo das experiências específicas do observador. No entanto, nesta pesquisa, o pai como indivíduo é a cerne, transbordando minhas referências e vivências no processo de construção do trabalho prático-artístico.

A série *Pai* visa abarcar toda a teoria anteriormente analisada e acoplar à óptica contemporânea, reinventando o mito de Cronos, alterando esteticamente a imagem clássica de deus angelical e imponente (Figura 1, 5, 6 e 7), ou seu intenso afogamento no abismo de desespero, no surto de devorar sua prole (Figura 2, 3 e 4), ressignificando sua iconografia mediante a inserção da perspectiva do artista (eu) e seu contexto histórico-social respectivo,

como é apontado por Artur Neto na sua tese de mestrado em Artes Visuais alcunhado *Revisitação da Mitologia Grega: Um Olhar A Partir da Contemporaneidade*:

É compreensível que o mito clássico, com o passar dos tempos, tenha sofrido alterações muitas vezes significativas quer na sua forma quer na sua estrutura, quando reinterpretado por diversos artistas, que obviamente foram condicionados pelos filtros sociais, culturais e políticos das épocas históricas a que pertenceram. Estas práticas que pretendiam e pretendem fazer renascer o mito, reinterpretando e alterando mais ou menos a sua história através de diversas estratégias artísticas e formas de expressão características do estilo de cada artista. (Neto, 2021, p. 29)

Partindo da metamorfose mitológica afetada pelo espaço-tempo civilizacional, finalmente chega-se na explicação do processo criativo da série *Pai*, desdobrando-se conjuntamente em uníssono na prática e teoria, tendo-se consciência da obra caracterizada como um imenso iceberg, onde a materialidade é somente sua superfície, havendo um extenso caráter teórico e conceitual submerso nas profundezas do invisível, ocasionalmente não encontrando-se completamente explícito na obra (Rey, 2002). Para contornar este empecilho, mergulha-se na elucidação do artista, esta pesquisa é o bloco de gelo submerso, oculto à obra, porém visível no processo teórico-prático.

O jogo *Gris* é o catalisador poético do trabalho prático-artístico, manifestando-se na definição temática e estética, onde a minha interpretação artística de Cronos é o sutil espelhamento do antagonista (Figura 14, 15 e 16) do *Gris*:

[...] durante as fases você se depara com uma criatura soturna, que em um primeiro momento, é o reflexo da personagem, mas ao decorrer da história ela vai se transformando, em um pássaro quando você ganha a habilidade de voar, uma enguia quando ganha a habilidade de nadar e no que parece ser a cabeça da personagem, ou de alguém similar a ela, que suga toda cor que o jogador colocou no mundo, sendo uma alusão ao luto em geral, em que algo está sempre te impedindo de prosseguir. (Silverio, 2019, p. 337)

O elemento chave do antagonista de *Gris* absorvido na construção do personagem Cronos na série *Pai* é a magnitude corpórea da criatura soturna, a aura apavorante diante da pequenez da protagonista *Gris*, característica simulada na primeira pintura da série *Pai* (Figura 17) expressando o sentimento de insignificância do filho em contraste à atmosfera intransigente do pai, conservando a postura imponente e destemida de Cronos representada

nas obras perpassadas no capítulo 1 e 2, ademais capturando a essência bestialica advinda da perversidade canibalística, antagonizando Cronos, pintando-o como um monstro colossal e hediondo (Figura 17).



Figura 14: *pássaro*, antagonista do jogo Gris, 2018.

Fonte: captura de tela do jogo Gris.

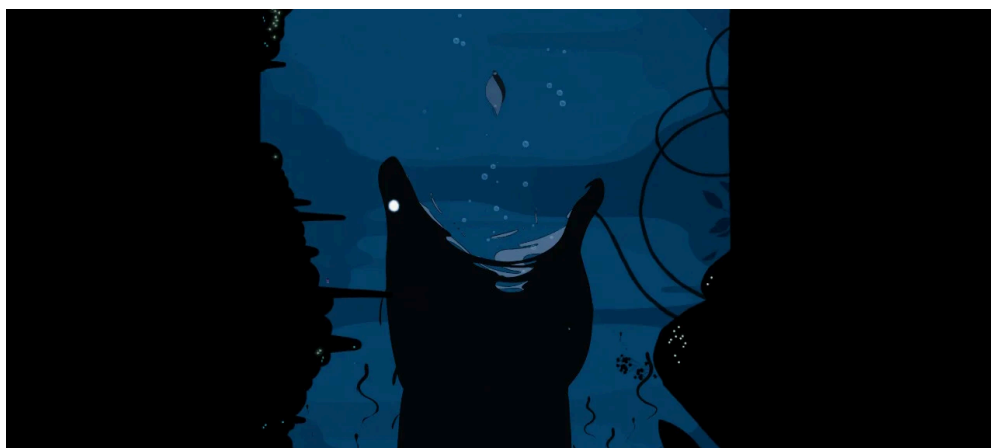


Figura 15: *enguia*, antagonista do jogo Gris, 2018.

Fonte: captura de tela do jogo Gris.



Figura 16: *Gris*, antagonista do jogo Gris, 2018.

Fonte: captura de tela do jogo Gris.



Figura 17: Lays, *pater*, 2023, da série *Pai*, pintura digital, 2298 x 3000 pixels.

Fonte: arquivo pessoal

Observando o conjunto de imagens do antagonista de *Gris* paralelamente à primeira obra (Figura 17) da série *Pai*, a similaridade é incontestável, a pintura externaliza a

inferioridade sentida estando diante da autoridade suprema do pai. Desmembrando detalhadamente cada pintura, acrescido seu comportamento coletivo na série *Pai*, é primordial iniciar-se o esclarecimento da representação comum a todas as obras, o porquê este monstro configura-se neste formato de gato preto.

O simbolismo do gato preto está diretamente associado à feitiçaria e má sorte, crença advinda da propagação infame da Igreja Católica devido a interligação entre o felino e a cultura egípcia, considerando o gato a reencarnação da deusa Bastet²⁵, que era frequentemente representada com cabeça de gato preto e corpo de humano (Figura 18), contextualizando a adoração da criatura no Egito antigo (Osório, 2010), paralelo à narrativa sagrada do pai que deve ser honrado - acoplado à iconografia angelical de Cronos -, implícito na retratação do gato preto na figura 17.



Figura 18: *Bastet retratado com a cabeça de um gato e o corpo de um humano*, 900 - 600 A.C., escultura em bronze e ouro, 27 x 8.26 x 10.8 cm, The British Museum, Londres.

Fonte: https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA25565

Com a ascensão do Cristianismo - especialmente na Idade Média -, perdeu-se a veneração ao gato, mudando drasticamente o cenário, hostilizando o animal devido a sua

²⁵ A Deusa Bastet é a protetora do lar, da vida doméstica, da fertilidade, do parto, dos segredos femininos e dos gatos. Ela afasta todas as doenças e maus espíritos das mulheres e das crianças. Conheça mais sobre a deusa egípcia Bastet. Disponível em: <https://www.astrocentro.com.br/blog/espiritual/deusa-bastet/> Acesso em: 12 de dez 2023.

vinculação com religiões pagãs, rotulando a doce criatura como demoníaca. A Igreja Católica perseguiu ensandecidamente o gato, especialmente o gato preto, queimando-o junto a seu respectivo herege, conseqüentemente, o predador natural do rato diminuiu drasticamente, propiciando o surgimento da peste bubônica. (Queiroz, 2010)

O preconceito contra o gato preto atravessou o espaço-tempo, permanecendo a associação demoníaca da criatura, culminando na aversão à criatura. O conto *O gato preto* de Edgar Allan Poe conjura perfeitamente a inquietude interligada à obscuridade, na história o gato preto torna-se o amuleto de azar do protagonista, as ações que sucedem-se não referem-se ao animal, inocentando-o da culpa, no entanto, ele é o constante lembrete da crueldade humana, onde a presença do gato incomoda profundamente o homem, fazendo-o cometer inúmeras atrocidades para livrar-se da criatura mancomunada ao satânico:

Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. Enforquei-o porque sabia que estava cometendo um pecado [...] Na noite do dia em que foi cometida essa ação tão cruel, fui despertado pelo grito de “fogo!”. As cortinas da minha cama estavam em chamas. Toda a casa ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa [...] Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem era de uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal. (Poe, 2011, p.5)

O gato preto é escorraçado e enforcado, posteriormente à sua morte a casa arde em chamas, assinalando a interferência sobrenatural mediante a aparição do gato morto no fogo. Neste contexto, a correlação feita para criar a identidade visual de Cronos e sua prole é a relação diabólica e a perseguição do animal inofensivo. Colocando-me no sapato do filho, me sinto semelhante ao gato preto, o recém nascido devorado, abarrotado de má sorte por nascer e viver nessas condições e simultaneamente Cronos é o gato preto ligado à Satanás, sua atitude detém da perversidade e obscuridade desta criatura da mitologia cristã, simbolizando a traição, a sexualidade e o mal, onde o gato é comumente empregado próximo à Judas²⁶ nos quadros que reproduzem a Santa Ceia (Queiroz, 2010), evocando *A Última Ceia* (Figura 19) de Jacopo Bassano, nota-se nitidamente no canto inferior direito o gato, extremamente perto de Judas, o traidor segurando o saco de moedas, novamente remetendo a figura felina à

²⁶ Judas Iscariotes foi o traidor de Jesus. Filho de Simão, fazia parte dos 12 discípulos de Jesus Cristo, mas movido pela ambição e avareza, traiu ao Senhor por 30 moedas de prata. Disponível em: https://www.bibliaon.com/judas_8-10/. Acesso em: 12 de dez 2023.

maldade, convergindo diretamente à narrativa do pai traiçoeiro expressido por Cronos e opostamente contradizendo o teor sagrado da figura paterna ditada na Bíblia, opondo-se a representação angelical expressadas nas figuras 1, 5, 6 e 7.



Figura 19: Jacopo Bassano, *A Última Ceia*, 1542, pintura a óleo, Borghese Gallery, Roma.

Fonte: <https://pt.borghese.gallery/colecao/pinturas/a-ultima-ceia.html>

Minuciosamente esmiuçado o simbolismo do gato preto e o porquê do seu emprego na série *Pai*, prossegue-se o sentimentalismo poético do autor (eu) na criação da obra. A primeira pintura (Figura 17) é nomeada *Pater*, significando pai no idioma grego, tendo como objetivo principal capturar a essencialidade do sentimento de inferioridade e impotência sentido diante do robusto e autoritário pai-Cronos, inserindo-me na perspectiva de filho, espelhando minha própria relação com meu pai, localizando o conflito preso no espaço-tempo longínquo do presente, relativo à memórias infantis, onde meu “eu criança” não possuía capacidade de assimilar o uso da violência e autoridade empregados na ação educativa, para mim, o singelo tapa acrescido a massa muscular extremamente desproporcional do homem (BBC, 2017) comparada à criança transformava-se numa colisão descomunal, conseqüentemente irradiando ódio no meu pequeno coraçãozinho, concretizando o Complexo de Édipo, enxergando somente o monstro que havia me atacado somado ao forte desejo de eliminá-lo e usurpá-lo, parafraseando o décimo parágrafo do capítulo dois “o indivíduo afetado dispõe-se de duas alternativas: espelhar-se ou renegar-se.”, similarmente ao Cronos, acabei me tornando o espelhamento do pai tirano, submetendo meus irmãos menores ao aprendizado educativo ensinado, mostrando o quão tênue é a linha que separa mito e realidade, estando este animal

sempre a espreita do meu encaço, prestes a aplicar a correção de mínimas transgressões, evidenciando sua onipresença através do terceiro olho retratado na criatura (Figura 17), no entanto, minha experiência nesta situação é escassa, limitada à raras agressões, culminando na necessidade de inserção referencial contemporâneo da cultura pop semelhante à narrativa da paternidade nociva.

O relacionamento mais memorável acerca do conflito pai-filho no meu cotidiano deu-se na série de televisão intitulada *The Originals*, onde o personagem Michael Mikaelson é o perfeito reflexo do pai agressivo e autoritário. A história trata-se majoritariamente do âmbito familiar somado ao sobrenatural vampiresco. No arco chave, o pai persegue as criaturas abomináveis - como ele chama seus filhos inúmeras vezes na série - que ele mesmo criou, e similarmente ao Cronos, Michael pretende matá-las, sucedendo-se no período de mil anos caçando sua prole, onde o protagonista Klaus vivia em constante paranóia por medo de enfrentar a fúria do pai, sentindo-se minúsculo diante da possível finitude da sua vida infinita, paralelamente conversando com o aspecto do tempo inexorável, prestes a devorar a vida do filho, como aconteceu no caso do pai preso por matar a filha citado anteriormente (G1, 2023) e seguindo essa premissa, concebe-se a segunda pintura da série *Pai: Cronos* (Figura 20).

Cronos (Figura 20) permanece na mesma linha poética de *Pater* (Figura 17), capturando o pai-Cronos na sua essência tenebrosa da paternidade, materializando a metáfora do devorar, da violência extrema contra sua prole, no entanto, nesta segunda obra, o aspecto autoritário é sutilmente implicado na posse da ampulheta, rodeada pelas garras do gato preto gigante, simbolizando a narrativa de Cronos como detentor do tempo, e neste contexto, ele detém a vida do filho, corroendo a efêmera existência, metaforicamente traduzindo, o tempo vivido esvaindo-se pelas mãos do sagrado pai, explicitando a morte como consequência do ato educativo, colocando no holofote a discussão importantíssima dessa ação corriqueira (Carmo e Harada, 2004) sem consequências quando não ocasionada a mortalidade, cabendo o exemplo próximo a realidade, divergindo de *The Originals*, o jogo *Amour Sucré* localiza-se no cotidiano escolar, possuindo um arco onde o jogador acidentalmente vê marcas de agressões no corpo do personagem Nathaniel (Figura 21), sucedendo-se na investigação do ocorrido, descobrindo que o pai violentava o filho frequentemente para motivá-lo a ter boas notas e ser perfeito, resultando no escapismo do Nathaniel que optava por dedicar-se integralmente a escola para ficar em casa o mínimo de tempo possível. Prosseguindo na narrativa do jogo, o jogador denuncia o pai do Nathaniel, no entanto, nada drástico acontece com o pai - semelhante a realidade -, pois foram apenas ações educativas devido a ausência de fatalidade. Portanto, este trabalho de conclusão de curso é também uma reflexão social,

exteriorizando a sequela da paternidade nociva que afeta o desenvolvimento psíquico do indivíduo (Chaves, 2023), interferindo na sua interação com o mundo externo, simbolizando na caveira o resultado inquietante dessa violência (Figura 20).

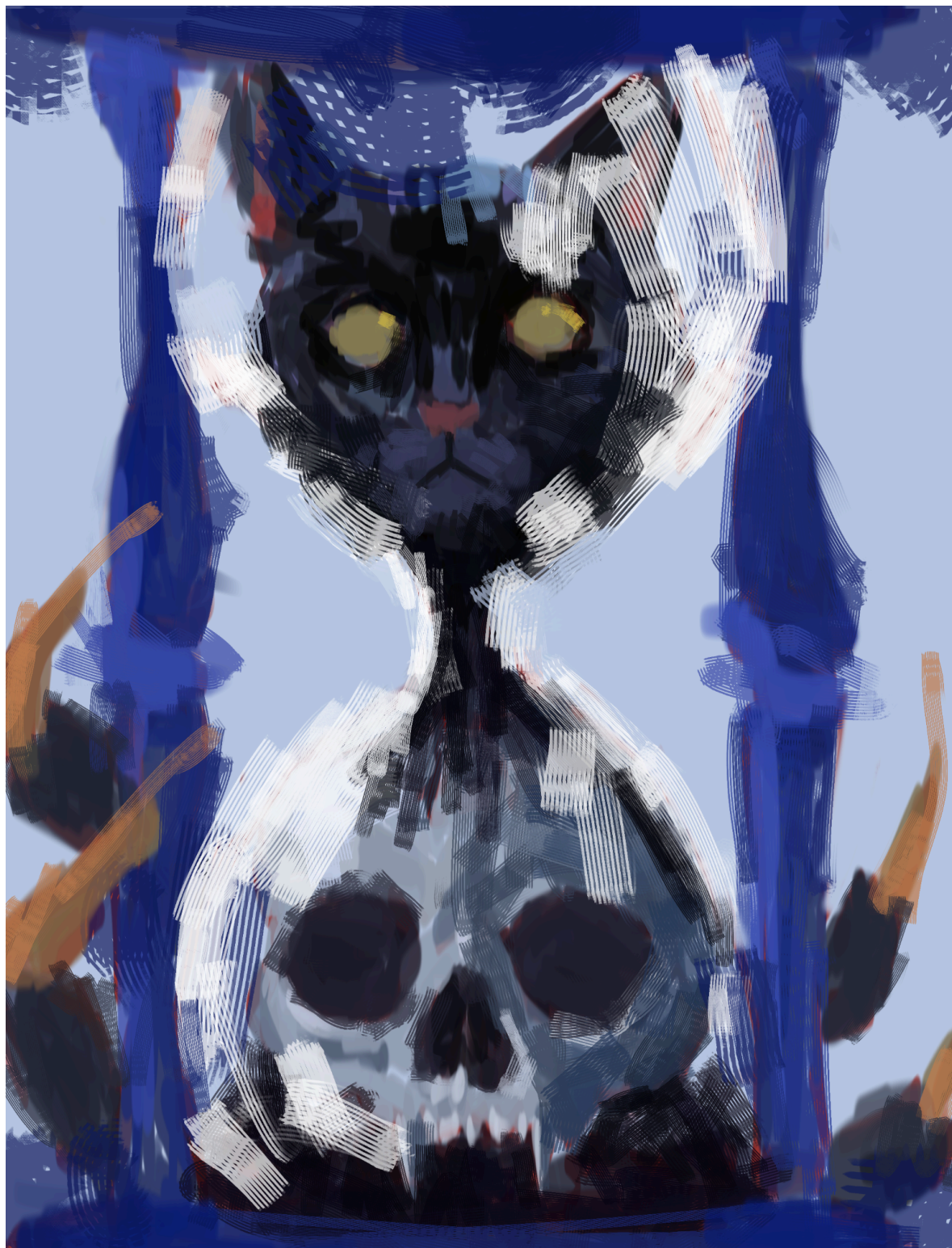


Figura 20: Lays, *Cronos*, 2023, da série *Pai*, pintura digital, 2272 x 3000 pixels.

Fonte: arquivo pessoal

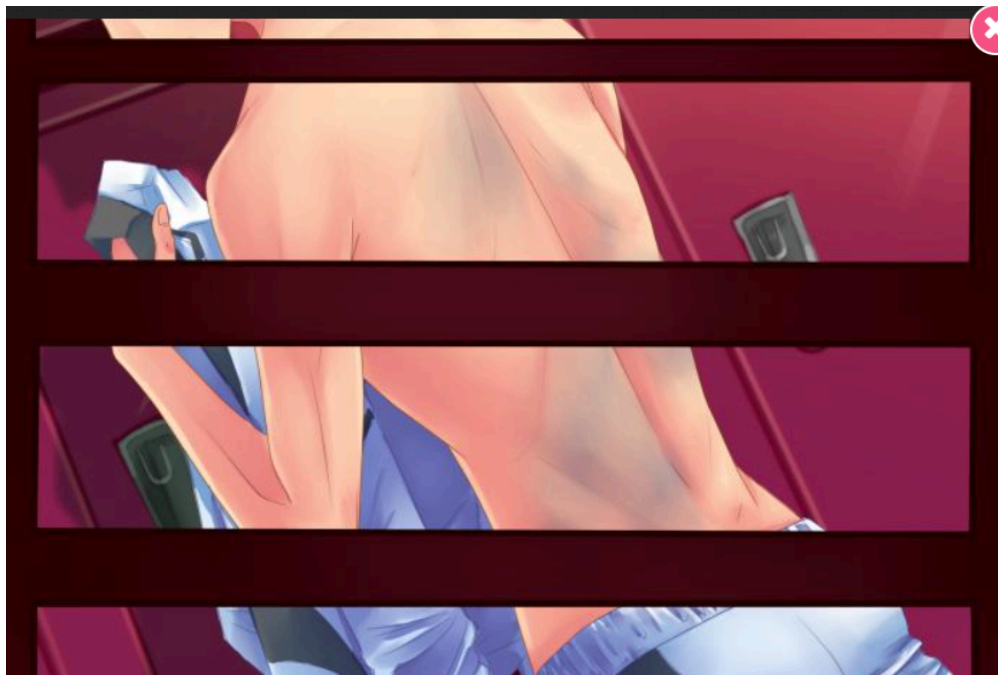


Figura 21: Amour Sucré, *Nathaniel no episódio 12*, 2015.

Fonte: captura de tela do jogo amour sucré

Considerando a série *Pai* o percurso teórico-prático ininterrupto, é imprescindível capturar a poética metafórica relativa a canibalização alusiva à excessividade amorosa, retratando a paternidade imperfeita mediante a junção de obras configuradas coletivamente, expressando a dualidade do mito de Cronos. A terceira obra da série (Figura 22) intitula-se *Canibalismo metafórico* no intuito de capturar esta alusão do amor que tudo consome, traduzindo-se para a proteção extrema, porque no ato de retirar o filho do seio materno, Cronos encarrega-se unilateralmente da criação da criança, substituindo completamente o papel da mãe. Consciente desta dinâmica, a figura 22 representa a característica intrínseca à gata fêmea, que diferentemente do macho, dispõe do instinto extremamente protetivo relativo ao filhote, carregando-o na boca (Figura 23) e movendo-o para protegê-lo quando sinalizado qualquer aspecto de perturbação (PetInvictus, 2021), somado a simbologia do terceiro olho da criatura, indicando a preocupação extra com o filho.

No cenário retratado na série *Pai*, Cronos é o espelhamento da humanidade, simultaneamente interpretando o pai autoritário, mas também cuidando, protegendo e amando o filho, simulando comportamentos verídicos da paternidade, e na figura 22 efetua-se novamente a interferência da vivência do artista (eu) no processo de construção da obra, onde a minha relação com meu pai é ligeiramente similar neste quesito, pois no contexto do divórcio, ele tornou-se simultaneamente mãe e pai para mim e meu irmão, cumprindo integralmente a atividade de acompanhar o nosso desenvolvimento, escancarando o mito

como metáfora da psique humana, adquirindo o leve teor autobiográfico, impossibilitando a separação da obra-artista, sofrendo influência do período sócio-histórico-cultural vivido. (Neto, 2021)

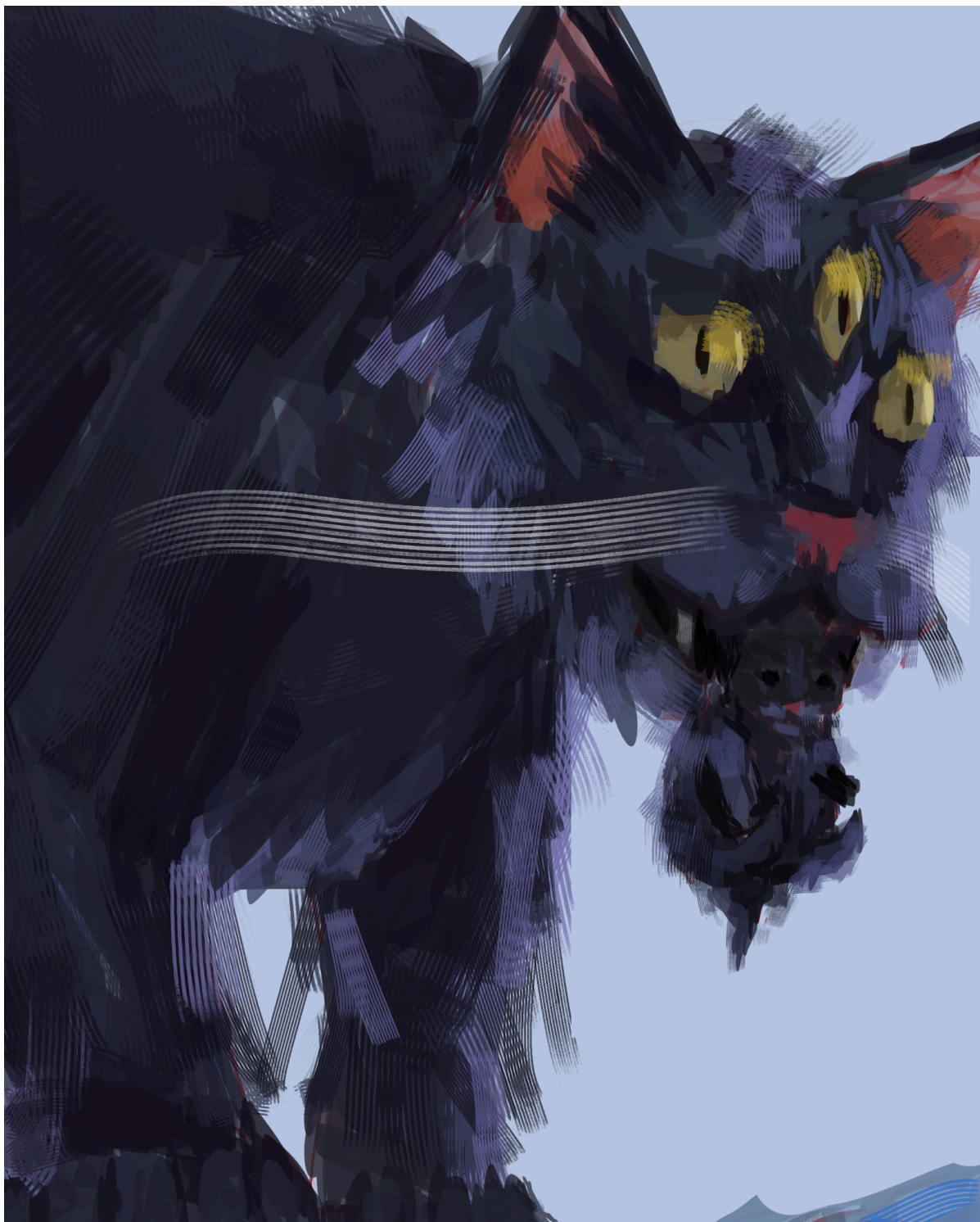


Figura 22: Lays, *canibalismo metafórico*, 2023, da série Pai, pintura digital, 2400 x 3000 pixels.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 23: mamãe gata carregando o filhote

Fonte: Lightcube, Shutterstock

O livro *O gato por dentro* escrito por William Burroughs conjuntamente com *Gris* catalisou a concepção poética sentimentalista da série *Pai*, adicionando camadas de complexidade na obra e sua interpretação, explorando a iconografia como resposta à teoria, onde o gato personifica a figura paterna mediante a aproximação do bichano com a natureza humana, estando o felino presente no âmbito cotidiano desde o Egito Antigo (Queiroz, 2010).

Eu já disse que gatos servem como Familiares, companheiros psíquicos. “Eles são mesmo uma companhia.” Os Familiares de um velho escritor são suas memórias, cenas e personagens de seu passado, real ou imaginário. Um psicanalista diria que eu estou simplesmente projetando essas fantasias em meus gatos. Sim, de maneira bem simples e literal, os gatos servem como telas sensitivas para atitudes bastante precisas quando escalados em papéis apropriados. Os papéis podem mudar e um gato pode assumir vários papéis: minha mãe; minha esposa, Joan; Jane Bowles; meu filho, Nilly; meu pai; Kiki e outros amigos; Denton Welch, que me influenciou mais que qualquer outro escritor, apesar de nunca termos nos conhecido. Os gatos podem ser meu último elo vivo com uma espécie moribunda. (Burroughs, 1986, p. 19, tradução Edmundo Barreiros)

Conservando-se no conto de Burroughs, o gato atravessa sua função primária de animal de estimação, tornando-se companheiro psíquico, assumindo importantíssimos papéis na vida do protagonista, evidenciando o termo pai, empregando o caráter afetivo designado ao gato na estrutura teórica-invisível (iceberg) da obra, ressignificando a imagem do gato na pintura desta série, colocando-o diretamente na posição de figura paterna.

O amor paterno permanece na quarta e última obra (Figura 24), no entanto, divergindo da pintura anterior, tratando-se do amor incondicional apesar da imperfeição. *Ágape* foi o título escolhido devido o seu significado congruente à toda narrativa construída no trabalho prático. O idioma grego possui nove palavras distintas para cada tipo de amor, mencionando as três principais: *philia*, *ágape* e *eros*. “[...] A primeira dizia respeito a uma simpatia mútua, como uma amizade; a segunda, ao amor abnegado, altruísta e condicional; e a terceira, ao amor sensual, que provoca êxtase e frenesi quando diante do objeto amado.” (Noguera, 2020, p. 70). Basicamente, *ágape* é o amor que independentemente das falhas e imperfeições do indivíduo, não deixa de amá-lo. O Cristianismo frequentemente faz uso deste termo para referir-se ao amor de Jesus pela humanidade “Amém, (*ágape*), os seus inimigos, façam-lhes o bem e emprestem a eles, sem esperar nada de volta. Então, a recompensa que terão será grande e vocês serão filhos do Altíssimo, porque ele é bondoso para com os ingratos e maus” (Lucas 6:35). Neste sentido, o amor no mito está ligado à aceitação da imperfeição, divergindo de Urano que descartava seus filhos por considerá-los defeituosos, Cronos não renega sua prole e simultaneamente o filho ama o pai apesar da sua personalidade volátil. “Uma mãe pode ser uma mãe terrível às vezes, e você ainda pode continuar amando ela” (Sex Education, 2023, temporada 4, episódio 6). Considerando a associação do pai à característica maternas da mãe gato, esta frase aplica-se coerentemente nesse contexto, expressando o discurso sentimentalista relativo à impossibilidade de sobrepor o amor pai-filho.

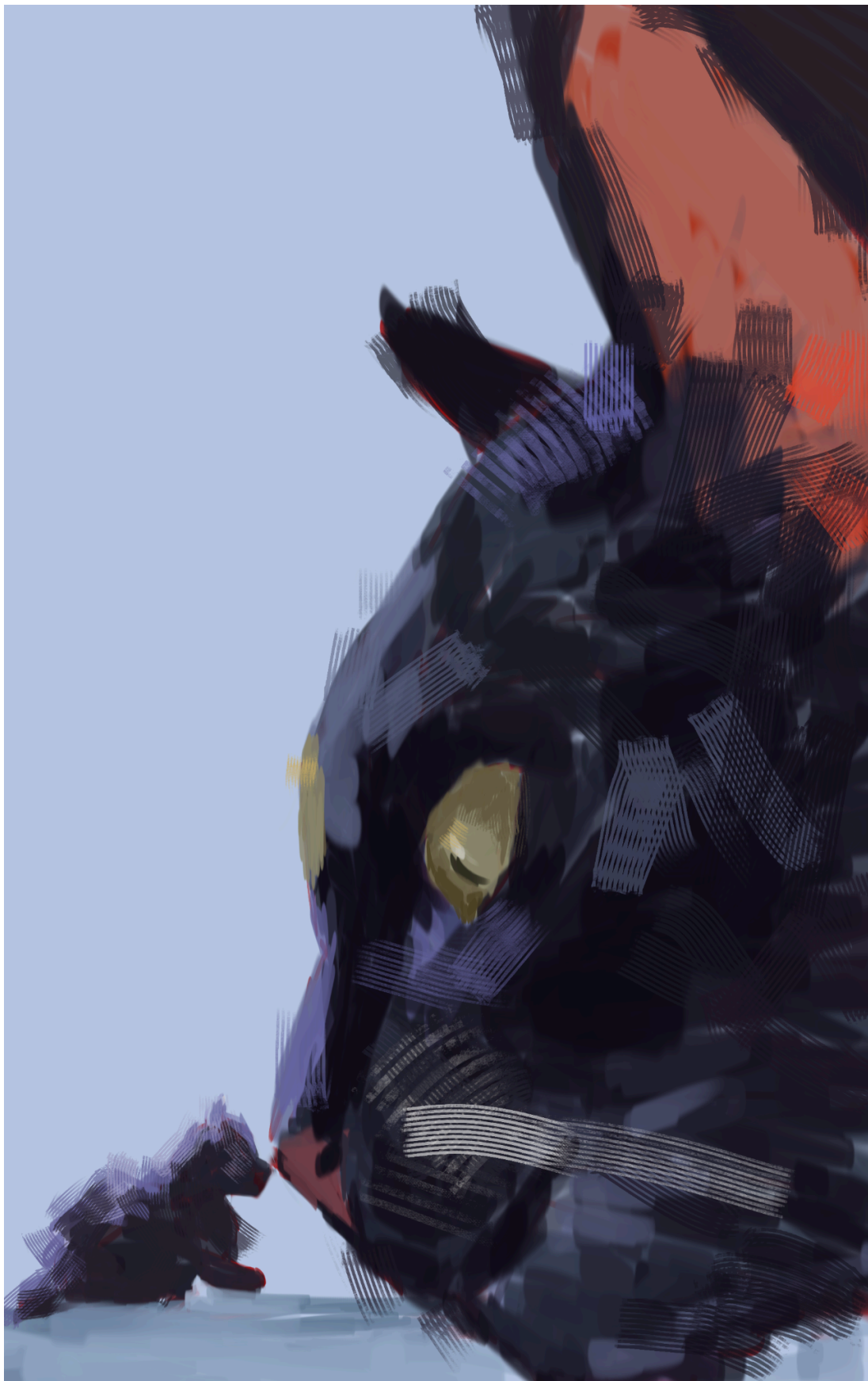


Figura 24: Lays, àgape, 2023, da série Pai, pintura digital, 1890 x 3000 pixels.

Fonte: arquivo pessoal

Analisando a pintura anterior (Figura 24), o ágape exprime perfeitamente a intimidade na relação pai-filho no mito, ambientando os personagens extremamente próximo ao espectador, adentrando neste conexão íntima, permitindo amar-se incondicionalmente independentemente das discórdias, onde o toque de narizes simboliza a aproximação afetiva entre pai e filho, mostrando a fragilidade da figura paterna, que também é humana, concretizando o objetivo de retratar o pai heróico que protege (Figura 22) contrastado ao pai frágil que deixa-se ser vulnerável no ato de amar com todo o coração (Figura 24), convergindo opostamente às duas primeiras obras (Figura 17 e 20) que estampam a brutalidade da paternidade, coletivamente agrupadas exteriorizam a dualidade de Cronos, personificando o pai volátil na materialização das ações contraditórias presente na metáfora do mito.

Esmiuçado a construção narrativa da série *Pai*, o capítulo prossegue-se na jornada artística, explorando o processo prático-artístico intrínseco à técnica.

As pinturas são produzidas através do suporte digital devido a extensa familiaridade e apreço por este material, evidenciando seu baixo custo, dado que minha mesa digitalizadora *Huion 420* foi comprada no começo de 2021 por apenas cem reais, somado ao *notebook* herdado do meu querido pai, originou-se uma infinidade de experimentações artísticas no âmbito digital, havendo inúmeros programas de desenho e pintura simulando perfeitamente texturas e pincéis para aventurar-se no desenho e pintura, divergindo do ambiente tradicional, limitado à aquisição constante de materiais.

O livro *Of Strokes and Shades: The secret of digital art* escrito pela artista Laura H. Rubin é o auxiliador primordial na documentação do meu processo prático na arte digital deste trabalho, fazendo-se uso do método apresentado no capítulo *Criando uma imagem no Procreate*²⁷, onde a autora dissecou detalhadamente a criação da sua pintura no aplicativo de desenho procreate, portanto, me guiarei na construção de Rubin, modificando-o para habituar-se ao meu próprio processo.

O *software* usado na minha produção é o *Clip Studio Paint*²⁸, na figura 25 encontra-se disposto a interface principal do programa e a marcação das principais ferramentas manuseadas, exibindo ícones bastante intuitivos: as setinhas na linha secundária desfaz e refaz

²⁷ Procreate é um aplicativo editor de gráficos raster para pintura digital desenvolvido e publicado pela Savage Interactive para iOS e iPadOS. Projetado em resposta às possibilidades artísticas do iPad e atendendo a artistas de iniciantes a profissionais, foi lançado na App Store em 2011. Disponível em: <https://procreate.com/>. Acesso em: 12 de dez 2023.

²⁸ Clip Studio Paint, informalmente conhecido no Japão como Kurisuta, é uma família de aplicativos de software desenvolvidos pela empresa japonesa de software gráfico Celsys. É utilizado para criação digital de quadrinhos, ilustração geral e animação 2D. Disponível em: <https://www.clipstudio.net/pt/>. Acesso em: 12 de dez 2023.

o traço anterior, no bloco esquerdo está o pincel, a borracha, o balde de tinta e as propriedades do pincel, onde geralmente regulo a opacidade e tamanho, no lado direito está a roda de cores e os dois pincéis utilizado na pintura da série e por fim, as camadas, caracterizando-se como a maior vantagem da arte digital, permitindo separar as etapas do processo prático.

Inicialmente cria-se a tela (Figura 26), escolhendo as dimensões e o *dots per inch* (dpi) que influencia na qualidade da imagem, especialmente se for imprimi-la.

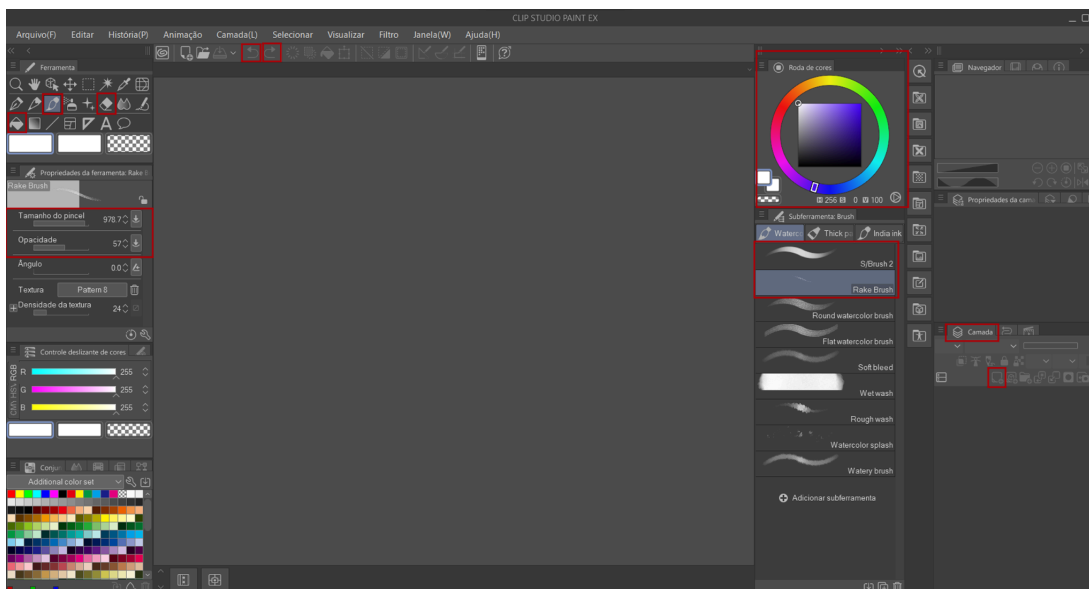


Figura 25: área principal do Software Clip Studio Paint, 2023

Fonte: captura da tela do programa Clip Studio Paint

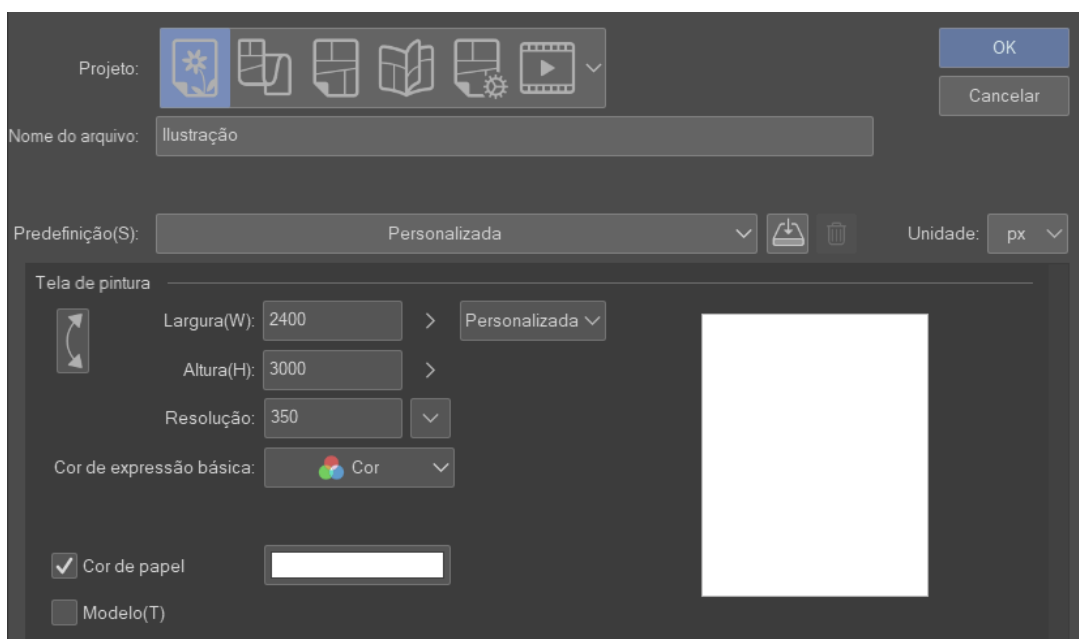


Figura 26: Clip Studio Paint, passo 1, 2023

Fonte: captura de tela do programa Clip Studio Paint

O desenvolvimento da pintura se dá igualmente em todas obras, portanto, para não ser prolixo na explicação, colocarei cada obra na categoria comum a ela, começando no rascunho (Figura 27), fazendo o manuseio do pincel *S/Brush 2* na cor vermelha para criar o esboço, aplicando inconscientemente pequenos detalhes do trabalho tradicional na criação digital, porque geralmente evito utilizar grafite e lápis preto no rascunho de pinturas físicas.



Figura 27: rascunho série Pai, 2023.

Fonte: arquivo pessoal

Prosseguindo, o seguinte passo caracteriza-se na concretização da pintura, colocando as cores bases preto, azul, amarelo, vermelho e branco (Figura 28). A escolha de cores foi pensada mediante a representação do gato preto, especialmente o azul escuro contrastado ao preto, ousando na iluminação da cena, criando uma paleta mais vívida, utilizando-a durante toda a série *Pai*. Finalizando o processo, o último passo situa-se no detalhamento da pintura mediante ao gesto repetitivo (Figura 29 e 30), expressando instintivamente o movimento na gesticulação do pincel.



Figura 28: cores base, série Pai, 2023.

Fonte: arquivo pessoal



Figura 29: detalhamento e repetição, *pater e Cronos*, série Pai, 2023.

Fonte: arquivo pessoal

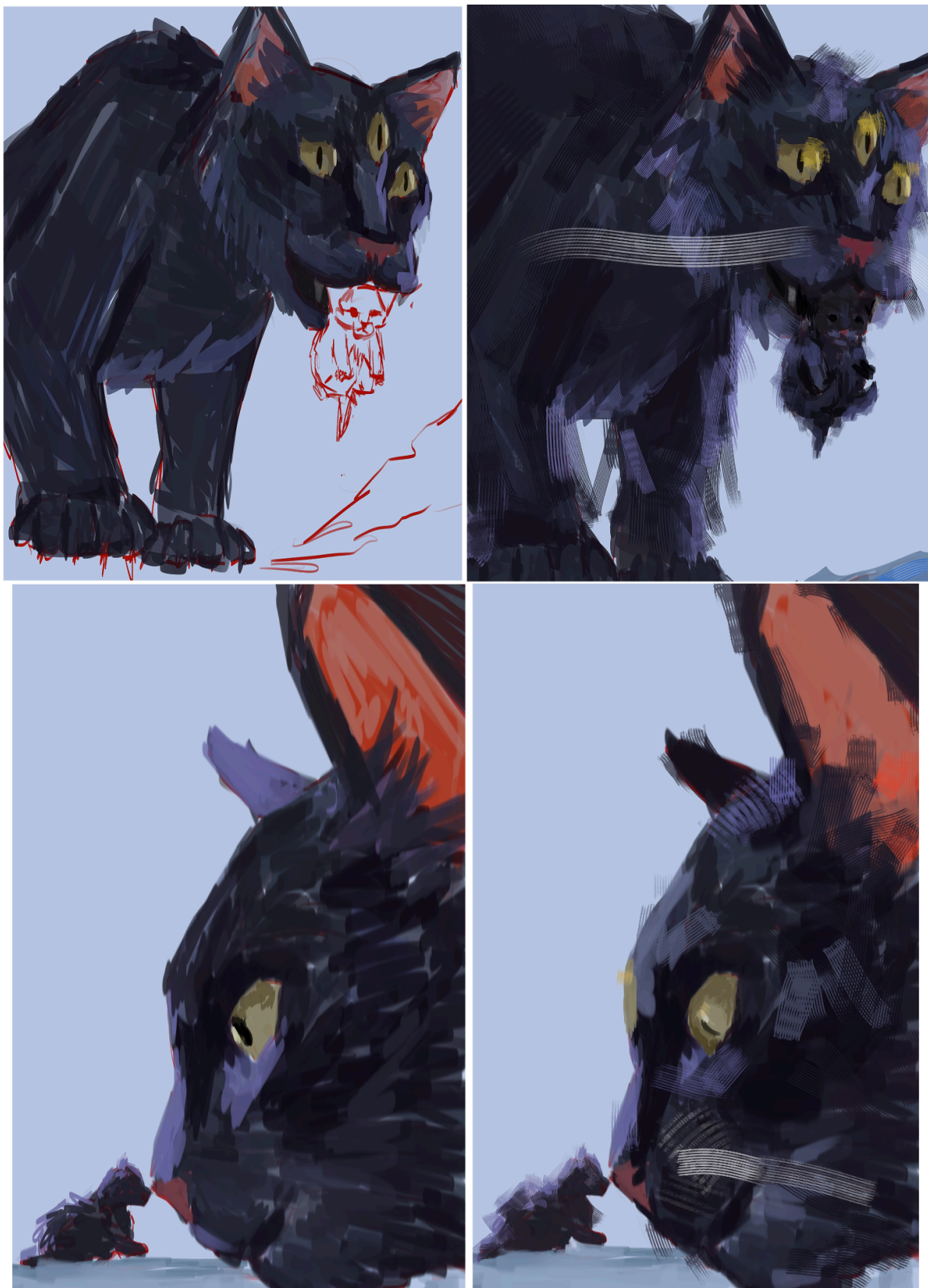


Figura 30: detalhamento e repetição, *canibalismo metafórico e ágape*, série Pai, 2023.

Fonte: arquivo pessoal

Na pintura digital é comumente empregado a ferramenta *blend* e o aerógrafo para suavizar a borda das cores, misturando-as uniformemente, funcionando semelhantemente ao esfuminho usado no desenho, sendo esta técnica a primeiro coisa que aprendi na pintura digital mediante os ensinamentos da artista Jyundee (Figura 31) no seu canal do *YouTube*. Porém a minha pintura atualmente desvirtua-se desse caminho, para mim, o primordial no ato de pintar é deslizar livremente o pincel na tela e no digital capturar a movimentação da pincelada deixando nítido o rastro da tinta, desapegando-se da ideia de uniformizar a cor.

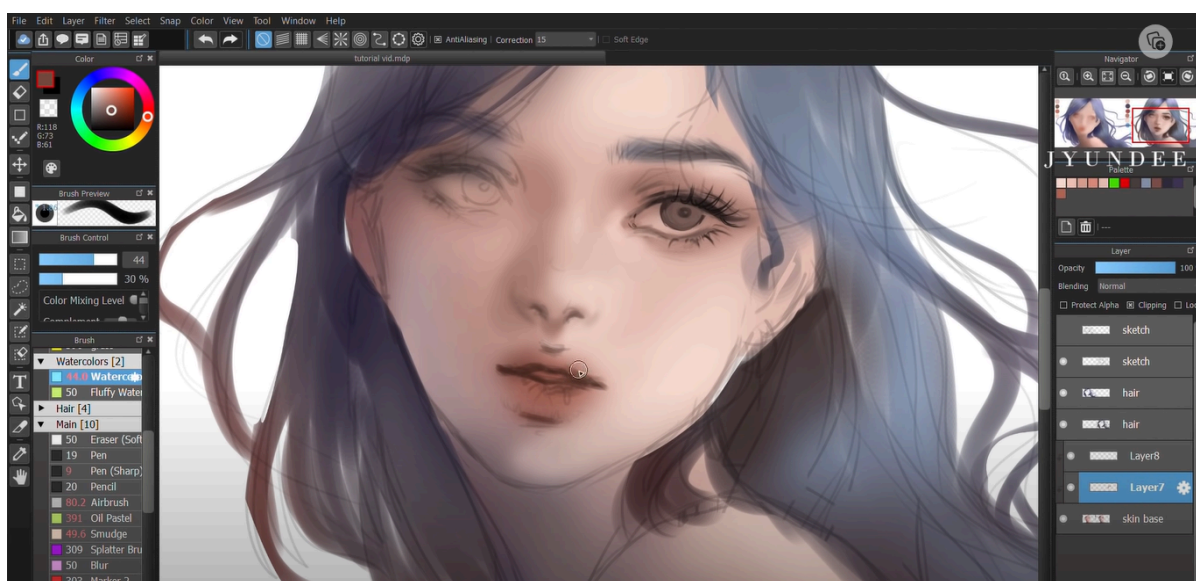


Figura 31: Jyundee, Blending Tutorial, 2018.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=jllO0j2Rj7A&t=1s>

A estética pretendida é fruto da interferência artística contemporânea derivada de obras que rodeiam o meu espaço cotidiano, conjurando no referencial artístico o filme *Homem-Aranha através do aranhaverso* (Figura 32) e a artista digital *amidoesarts* (Figura 33).

O filme é visualmente estonteante, a pintura é empregada na expressividade de emoções, especificamente no universo da personagem Gwen Stacy, onde ambienta-se a figura 32, retratando o cenário completamente caótico, expressando o relacionamento conturbado do pai e da filha através da textura irregular que sobrepõe os detalhes do quarto, ausentando-se do realismo verídico para expressar emoção, sendo este o atributo almejado na construção estética e poética do meu trabalho, desprendendo-se da retratação verossímil do gato, usando o rastro e a textura do pincel para contar a história desenvolvida na fase teórica, exprimindo a brutalidade de Cronos mediante a ausência de polimento da pintura, deixando-se transparecer

o traço rústico derivado de movimentos abruptos no uso do pincel, acrescido a inserção de hachuras posicionadas aleatoriamente para criar textura do pelo do animal e do vidro da ampulheta, descartando sua representação realística e aumentando a dimensionalidade mística da imagem, paralelamente a presença de pequenos detalhes do rascunho vermelho na obra finalizada denotando a característica oculta do objeto, indicando o *iceberg* por trás da pintura e a manifestação da jornada prática no produto final.

Continuando no processo prático-técnico, o referencial imagético para construir as imagens é basicamente composto da observação das pinturas de Cronos anteriormente citadas somada a teoria e inúmeras horas admirando fotografias de gato, no entanto, a pintura *pater* (Figura 17) é inspirada na obra digital de *amidoesarts*, que expressa magnificamente o sentimento de insignificância diante da natureza colossal (Figura 33). Fazendo a comparação descritiva, o pontinho vermelho no cenário montanhoso que engole a personagem (Figura 33) converte-se no gatinho minúsculo frente o gato monstruoso (Figura 17), ademais na obra de *amidoesarts*, o espectador insere-se na obra colocando-se no lugar do personagem, dado à ausência de outro elemento identificável, proposta configurada nas pinturas *pater* (Figura 17) e *ágape* (Figura 24).

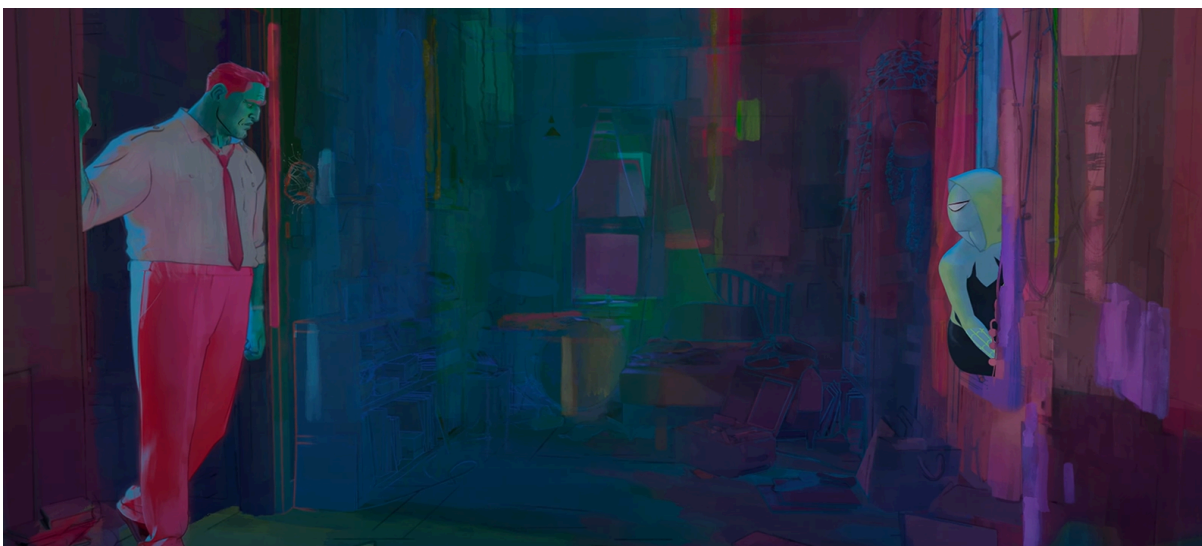


Figura 32: *Spider-man across the spiderverse*, 2023.

Fonte: captura de tela do filme.



Figura 33: *emidoesart*, 2022.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CmrCmEcSbjs/>

O regulamento de trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais Bacharelado salienta a obrigatoriedade da exposição em espaço público como condição para aprovação, contextualizando o deslocamento da arte digital para o espaço físico mediante a impressão de

duas obras para expor na Galeria da FAV (Faculdade de Artes Visuais). As pinturas selecionadas são *pater* e *ágape* (Figura 34) no intuito de destacar a dualidade da paternidade exercida por Cronos. No projeto expográfico, sugeri a colocação das obras na altura do olhar do espectador na finalidade de adentrá-la, projetando-se no retrato, resgatando a característica principal do objetivo desta série: a propensa identificação.



Figura 34: *pater e ágape*, série Pai, impressão em algodão, 2023.

Fonte: acervo pessoal

As impressões foram realizadas pela *Tetto Fine Art Prints* por indicação da minha orientadora, e acabaram tornando-se parte do processo, dado à divergência de observação da obra, retirando-a da tela do computador e materializando-a no espaço físico, adquirindo uma dimensão concreta do objeto, podendo averiguar cada detalhe (Figura 35) aproximando o olho nu contra a pintura devido a qualidade da impressão, diferindo do *zoom* no monitor, construindo uma interação maior entre espectador e obra, podendo analisar minuciosamente o traço brusco da pintura, enxergando a abstração individualista da sobreposição de hachuras e pinceladas (Figura 35) que coletivamente compõe o todo.



Figura 35: detalhes das impressões, 2023.

Fonte: acervo pessoal

O custo para imprimir as pinturas para exposição excede o orçamento do jovem estudante, contrariando a discussão anteriormente apresentada acerca da minha escolha por

fazer pintura digital devido seu custo-benefício, sucedendo-se no infortúnio empecilho experienciado no trajeto do curso de Artes Visuais, pois dado à aversão de alguns professores à arte digital devido a sua ausência de massa corpórea no espaço, me foi recomendado inúmeras vezes replicar o trabalho digital no suporte tradicional na finalidade expositiva, me fazendo questionar a localização da arte digital no campo artístico, no entanto, a materialização das pinturas *pater* e *àgape* no espaço físico torna a contemplação da pintura inigualável, especialmente na êxtase da constatação da existência do objeto, contornando a problemática da dimensão volumétrica da obra, propagando a pintura digital através da impressão, descartando a possibilidade de replicação no suporte tradicional.

A Bienal Internacional *Emoção Art.ficial* criada pelo Laboratório de Mídias Interativas do Itaú Cultural é o perfeito exemplo do espaço expositivo de arte digital no âmbito artístico contemporâneo, promovendo a hibridização entre arte e tecnologia “[...] A primeira edição da bienal, que apresenta “microchips, displays, sensores e softwares” num “espaço antes reservado a telas, tintas e pincéis” (Itaú Cultural, 2020)”, contextualizando a configuração da exposição de arte digital, podendo propagar-se simultaneamente no espaço digital e físico, sendo extremamente importante para o artista digital a existência destes espaços hibridizados, especialmente no contexto intrínseco a este trabalho, tratando-se da minha primeira exposição como artista, onde poderei exteriorizar fisicamente a pesquisa através das impressões das obras digitais expostas na galeria da FAV, concretizando o objetivo do trabalho de disseminar simultaneamente o caráter teórico-prático e a discussão do suporte digital e sua localização no campo das artes visuais na contemporaneidade.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa tornou-se o projeto mais importante escrito por mim, sendo extremamente importante na minha formação artística e desenvolvimento do pensamento crítico, pois neste trabalho - apesar do auxílio do orientador -, o caráter autônomo é executado constantemente, ficando a encargo do artista-pesquisador toda a construção teórica e prática.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso concretiza-se adequadamente na concepção da série *Pai*, construído mediante a análise da paternidade nociva no mito de Cronos somado a interpretação e manipulação iconográfica na finalidade de criar uma narrativa consoante a produção prática, afetada majoritariamente pela vivência da artista e elementos referências teóricos, artísticos e literários do seu cotidiano, concebendo uma nova interpretação do mito clássico, contribuindo para o acervo desta temática.

Finalizado a construção deste projeto, pude concluir que o mito atravessa o caráter metafórico de Campbell, tornando-se o espelho íntimo da humanidade, onde consegui enxergar bastante da minha própria vida, compreendendo a série *Pai* como manifestação inconsciente de certos aspectos do meu relacionamento com meu pai preso no espaço-tempo longínquo, revisitando memórias antigas e revertendo-as em arte, usufruindo da imaginação fértil do meu eu-criança e materializando essas situações na pintura com o olhar da artista já adulta, podendo refletir a minha própria psique humana através da mitologia.

Concluindo acerca do processo prático, pude finalmente me localizar na área de artes visuais, especialmente devido a solução expositiva encontrada para expor a obra no espaço mediante a impressão da pintura digital, constatando a divergência da experiência de observar a obra na tela do computador comparado a sua magnitude corpórea, transformando pixels em tecido, adquirindo a característica efêmera do objeto, dado à longevidade deste material, apreciando minuciosamente a pintura porque na materialização, esta torna-se extremamente, ficando a mercê das garras do inexorável tempo, corroendo-se aos poucos, pois mesmo na manutenção constante, a obra pode perder seu estado original, diferindo da obra no digital, imortalizada por códigos computacionais, no mundo online, onde a imagem alastrada é quase impossível de ser aniquilada.

Continuando as considerações finais, pude finalmente me denominar artista-pesquisador, tendo consciência da carga poética e artística do meu trabalho, movida majoritariamente pela teoria, pois na construção que se faça satisfatória para mim, necessita haver um conceito por trás da obra, ejetando completamente a idéia do fazer por fazer,

atuando simultaneamente como artista e pesquisador, onde ambas interferem-se constantemente.

Encerrando o texto, nada conclui-se de fato, sempre há momentos para revisitar o trabalho e elaborar novas questões partindo de escritos anteriores, sendo esta a funcionalidade do trabalho de conclusão de curso: o começo da jornada e não o fim.

REFERÊNCIAS

BEEMOOV, **Amour Sucré**, navegador web, França, 2011. Disponível em: <https://www.amor-doce.com/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

BÍBLIA. **Lucas 6:35**. Tradução de João Ferreira de Almeida. SBB, 2009. 2º edição.

BURROUGHS, William S. **O gato por dentro**. [S. l.: s. n.], tradução de Edmundo Barreiros, 1985. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/o-gato-por-dentro-william-s-burroughs-pdf-free.html>. Acesso em: 9 nov. 2023.

CAMPBELL, Joseph. The inner reaches of outer space: Metaphor as myth and as religion. New York: Publishers Group West, 2002. 164 p. v. 1-57731-209-o. Disponível em: <https://archive.org/details/innerreachesofou00camp/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 26 maio 2023.

CANOSA, M. A.; HENRIQUE, V.; NASCIMENTO, R. **Homem é preso por matar a filha com golpes de cinto em Niterói**: ele disse que agrediu a filha ‘para corrigi-la’. G1, Rio de Janeiro, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/12/12/morte-niteroi.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CARMO, Carolina Jacomini do; HARADA, Maria de Jesus C. S. Violência física como prática educativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [s. l.], 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/qfhcDjMVNcxXRBD9H83hskB/?lang=pt#>. Acesso em: 26 out. 2023.

CHAVES, Pedro. **A herança de Dioniso**: uma visão junguiana sobre filhas e filhos adultos com pai alcoolista. Orientador: Durval Luiz de Faria. 2023. Dissertação de Mestrado (Mestre em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/39508/1/Pedro%20Pinto%20de%20Azev%c3%aado%20Chaves.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

CONTRERA, Malena Segura. **Crono e o complexo paterno**. REU, Sorocaba, SP, v. 41, ed. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2431/2101>. Acesso em: 12 set. 2023.

CREATING an image on procreate. In: RUBIN, Laura H. Of strokes and shades: The secrets of digital art. Reino Unido: 3dtotal Publishing, 2023.

Death Cab for Cutie, **Meet me on the Equinox**, 2009. 3:40 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UczC3KqD9uY>. Acesso em: 11 ago. 2023.

EMOÇÃO Art.ficial. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento331104/emocao-art-ficial>. Acesso em: 03 de janeiro de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ÊXODO 20:12. In: **A Bíblia Sagrada**. Salt Lake City: Intellectual Reserve, 2015. Disponível em: https://www.churchofjesuschrist.org/bc/content/shared/content/portuguese/pdf/language-materials/83800_por.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

Fábio Jr., **Pai**, 1979. 4:53 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cKEkePEpcp0>. Acesso em: 12 set. 2023.

G1. **50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha**. G1, [S. l.], 13 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-t-em-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 17 nov. 2023.

HESÍODO. **Teogonia: A Origem dos Deuses**. 3. ed. rev. São Paulo: EDITORA ILUMINURAS LTDA, 1995.

HOMEM-ARANHA ATRAVÉS DO ARANHAVERSO. Direção de SANTOS, J.; POWERS, K.; THOMPSON, J. K. Estados Unidos: Sony Pictures, 2023. Filme exibido na HBO. Acesso em: 29 dez. 2023.

JUNG, C. G. **Civilização em transição**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. 10. Sir Herbert Read. 1964 Disponível em: <https://archive.org/details/civilizationintr0010jung>. Acesso em: 12 jul. 2023

MARQUES, Camila Ribeiro. **Mitologia e Poética: desdobramentos pedagógicos**. Orientadora: Rosana Soares. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Artes Visuais.) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, [S. l.], 2019. Disponível em: https://www2.ufrb.edu.br/artesvisuais/images/TCCs_-_Trabalhos_de_Conclus%C3%A3o_de_Curso/TCC_2019/TCC_CAMILA_RIBEIRO_MARQUES_MITOLOGIA_E_POE%CC%81TICA_DESDOBRAMENTOS_PEDAGO%CC%81GICOS_2019.pdf. Acesso em: 27 abr. 2023.

MARTINS, J. C. O.; AQUINO, C. A. B.; SABÓIA, I. B.; PINHEIRO, A. A. G. De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Revista USP, v. 15, p. 219 -228, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/61619/64516>. Acesso em: 27 jul. 2023.

NETO, Artur. **Revisitação da Mitologia Grega: Um Olhar A Partir da Contemporaneidade**. Orientador: Eduarda Neves. 2021. Dissertação de Mestrado (Mestre em Artes Visuais) - Escola Superior Artística do Porto, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/38958>. Acesso em: 30 nov. 2023.

Nomada Studio, **GRIS**, Single Player, unity, 2018. jogo eletrônico.

NUWER, Rachel. E se as mulheres fossem fisicamente mais fortes que os homens?. **BBC News Brasil**, [S. l.], p. 1, 20 nov. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-41944847#:~:text=Os%20homens%20continuam%2C%20em%20m%C3%A9dia,da%20parte%20inferior%20do%20corpo>. Acesso em: 24 nov. 2023.

O AMOR platônico. *In*: NOGUERA, Renato. **Por que amamos: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020. ISBN 9788595087088. Disponível em: https://www.yumpu.com/en/document/view/66527838/download-free-pdf-por-que-amamos-by-renato-noguera#google_vignette. Acesso em: 21 abr. 2023.

O Eu e o super-eu (Ideal do eu). *In*: FREUD, Sigmund. **O Eu e o ID, Autobiografia e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1924. cap. 3. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/freud-obras-completas-vol-16-1923-1925.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

OSÓRIO SARANDY, A. B. **Alguns aspectos simbólicos acerca do gato**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 12, n. 1,2, p. 233–259, 2010. DOI: 10.5007/2175-8034.2010v12n1-2p233. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2010v12n1-2p233>. Acesso em: 1 dez. 2023.

PETINVICTUS. **Porque os gatos mudam seus filhotes de lugar?** 27 set. 2021. Disponível em: <https://petinvictus.com/porque-gatos-mudam-filhotes-lugar/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

POE, Edgar Allan. **O gato preto**. [S. l.: s. n.], tradução de Breno Silveira, 1843. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5806591/mod_resource/content/2/O%20gato%20preto.pdf. Acesso em: 14 set. 2023.

QUEIROZ, Nouraide Fernandes Rocha. **Imagens mí(s)ticas do gato**. Orientador: Márcio Venício Barbosa. 2010. Dissertação de Mestrado (Mestre em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16288/1/NouraideFRQ_DISSERT.pdf. Acesso em: 12 nov. 2023.

REY, Sandra. **O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas**. 1. ed. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/206797/000322239.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 out. 2023.

RIORDAN, R. **Percy Jackson e os Olimpianos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2005 - 2009.

RIZZOLO, Antonio. **Por que costuma haver um gato nas pinturas da Última Ceia?** [S. l.], 2015. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2015/06/15/por-que-costuma-haver-um-gato-nas-pinturas-da-ultima-ceia/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SEX EDUCATION. Criação de Laurie Nunn. Reino Unido: Eleven Film, 2019 - 2023. Série exibida pela Netflix. Acesso em 27 set. 2023.

SILVERIO, Vitor Alexander. **Entre cores e vozes: Uma análise das metáforas de Gris**. SBC – Proceedings of SBGames, [s. l.], p. 1-3, 2018. Disponível em: <https://www.sbgames.org/sbgames2019/files/papers/ArtesDesignShort/198228.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SOUZA, Bernardo Antônio Almeida Pinto de. **Arquétipos do Pai: A paternidade e o masculino em transformação**. Orientador: Lidia Levy de Alvarenga. 2016. Dissertação de Mestrado (Mestre em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=27714@1>. Acesso em: 14 set. 2023.

THE ORIGINALS. Criação de Julie Plec. Estados Unidos: CW, 2013 - 2018. Série exibida na HBO. Acesso em: 11 mar. 2023.